

# **Guia de perguntas introdutórias para a discussão, o estudo e o debate**

**Adaptado do texto de Néstor Kohan**

*O desacordo entre os sonhos e a realidade não produz dano algum, desde que a pessoa que sonha creia seriamente em seu sonho, se fixe atentamente na vida, compare suas observações com seus castelos no ar e, em geral, trabalhe escrupulosamente para a realização de sus fantasias*

**Lênin**

## **Nota preliminar**

O seguinte material constitui um convite aberto cujo objetivo prioritário é a interrogação e o debate sobre alguns dos problemas centrais da sociedade capitalista contemporânea e o modo pelo qual o pensamento marxista permite abordá-los. Ele é concebido como uma ferramenta introdutória destinada à formação política da nova militância social, anticapitalista e anti-imperialista. Em seus traços ideológicos essenciais, aponta para a superação tanto do basismo populista como do academicismo, tentações recorrentes e igualmente nocivas para o pensamento marxista que pretende ser revolucionário e radical.

Como texto introdutório, foi pensado a partir de uma aproximação junto à realidade social em que vivem os setores populares da América Latina, numa época de mundialização capitalista e imperialismo. A agenda de problemas e os pontos de vista a partir dos quais pretendemos abordá-los fazem parte de um esforço para desviar o imenso bombardeio ideológico com que nos inunda a ditadura midiática dos monopólios de (des)informação.

Em cada ponto do debate partimos do senso comum e da vida cotidiana, não para ficarmos prisioneiros do mundo feito de aparências fetichistas, mas para submetê-lo à discussão, problematizando-o e buscando ir para além dele. Cada unidade deste guia está acompanhada de uma bibliografia básica sugerida, que pretende auxiliar a quem queira se aprofundar nos debates ou abrir um novo leque de perguntas.

Esta proposta de trabalho coletivo apresenta uma agenda mínima de temas, problemas e, fundamentalmente, questões, em sua maioria, não resolvidas. A escolha de tais temas e o modo de tratá-los não são neutros. Baseia-se num enfoque dialético, isto é, centralmente histórico, articulado sobre o eixo metodológico e político da luta de classes. A centralidade dessa dimensão não é casual. Nós a consideramos fundamental, sem que isso signifique desprezo pelas dimensões de gênero ou ecológicas, nem desconhecimento acerca da cultura dos nossos povos originários, tampoco subestimação aos efeitos da hegemonia sobre a subjetividade, entre muitos outros ângulos igualmente presentes nas lutas atuais.

## **(I) A crise da sociedade latino-americana e a resistência dos povos contra o capitalismo**

Todos os jornais coincidem: “A América Latina está em crise”. A televisão diz o mesmo. Os dados, inegáveis e já difíceis de ocultar, são alarmantes. Excetuando a sociedade cubana, para o resto de nossos países o diagnóstico é o mesmo:

- A pobreza cresce a um nível inusitado.
- As jornadas de trabalho são cada vez mais extensas (para os que têm emprego...).
- O poder aquisitivo dos salários dos trabalhadores se contrai progressivamente.
- O desemprego aumenta a cada momento.
- A mortalidade infantil não diminui.
- As crianças que vivem na rua são cada vez mais numerosas.
- Enfermidades curáveis ameaçam aniquilar nações inteiras.
- As mulheres continuam sendo marginalizadas e humilhadas.
- Os velhos se convertem, com sorte, em sobreviventes.
- As filas de quem não tem moradia ou terra se multiplicam.
- A terra sofre erosão e perde a fertilidade.
- O clima muda; o ar, a água potável e os mares estão cada vez mais contaminados.
- As polícias, os paramilitares e os exércitos reprimem cada vez com mais violência e crueldade.
- Os direitos humanos se convertem em enganosas ilusões.

Definitivamente, na sociedade atual vive-se cada vez pior! Enquanto as economias latino-americanas naufragam uma a uma, a militarização e a presença estadunidense aumentam dia-a-dia. O novo pretexto é a luta contra “o narcotráfico e o terrorismo”. Já há bases militares dos EUA em Manta (Equador), Três Esquinas e Letícia (Colômbia), Iquitos (Peru), Reina Beatriz (Aruba), Hato (Curaçao), Vieques (Puerto Rico), Guantânamo (Cuba), Soto de Cano (Honduras). A isto se soma o intento de construir novas bases em Tierra Del Fuego (Argentina) e controlar a base de Alcântara (Brasil).

Ao Terceiro Mundo se exige o pagamento de uma dívida de 2,5 trilhões de dólares, uma dívida completamente fraudulenta. Tanto a penetração dos Estados Unidos na área econômica, como sua estratégia pela militarização do continente a sangue e fogo, geram em nossos povos múltiplas e cada vez mais persistentes forças de resistência antiimperialista. Onde há poder, há resistência!

### **Por que a resistência popular, ainda que crescente, continua sendo frágil para derrotar o imperialismo?**

Apesar da resistência, o capitalismo continua dominando e gerando mais e mais crise. Não é necessário que alguém nos conte como é esta crise, sem

precedentes na história mundial. Sentimos na nossa própria carne. Podemos tocá-la, podemos intuí-la, vivemos nela.

Nós, latino-americanos, sofremos todos os dias suas consequências. O que mais pode ser dito? Já o sabemos. Já o conhecemos! Os efeitos e as consequências da crise geram ódio e indignação de forma imediata. Estão ao alcance da mão (qualquer um pode facilmente enumerar). Entretanto, as causas e as razões nem sempre estão à vista nem são tão fáceis de conhecer...

## **Qual é o fundamento da crise da sociedade capitalista? Quem se beneficia com ela?**

É precisamente nesse ponto que os poderosos intervêm sobre a consciência popular. Evitam, por todos os meios, que se identifiquem as classes que se beneficiam com a crise e que acumulam capitais e riquezas a partir da miséria popular. Aí, funciona a propaganda ideológica inimiga que nos mente e nos engana. Disfarça a realidade para que não conheçamos as causas de nossa crise. Não há melhor maneira de manter a dominação sobre nossos povos que converter em senso comum as seguintes mentiras:

- *“A culpa da crise é nossa, de TODOS os latino-americanos”.*
- *“TODOS, empresários e trabalhadores, patrões e operários, somos igualmente prejudicados. Ninguém se beneficia”.*
- *“Na América Latina vive-se mal porque falta capitalismo”.*
- *“O povo latino-americano é preguiçoso; não economiza porque esbanja”.*
- *“A economia tem sido a base das grandes fortunas”.*
- *“Sempre houve ricos e pobres; e sempre haverá”.*
- *“TODOS somos iguais perante a lei”.*
- *“Os juízes aplicam justiça; se há alguém que não faz isso, é uma exceção à regra”.*
- *“O Estado somos TODOS nós”.*
- *“O Estado nos defende a TODOS por igual”.*
- *“A finalidade da polícia é nos proteger; se não faz isto não cumpre com sua verdadeira função”.*
- *“A finalidade das Forças Armadas é defender a pátria; se não fazem isto não estão cumprindo com seu autêntico dever”.*
- *“Os cárceres prendem as pessoas más; se há gente boa presa é somente um erro”.*
- *“O Mercado funciona de maneira automática: as leis do Mercado são intocáveis e imodificáveis”.*
- *“No capitalismo o Poder está repartido / dividido em: Legislativo, Executivo e Judiciário”.*
- *“No Ocidente os meios de comunicação são o quarto poder”.*
- *“Os meios de comunicação são neutros e independentes”.*
- *“Os meios de comunicação têm a missão de informar e controlar o governo; se algum toma partido não está cumprindo com sua missão”.*
- *“Vivemos em uma sociedade livre e democrática - não há eleições a cada quatro anos?”.*
- *“Os movimentos sociais que não se expressam nas eleições não existem”.*

- “Nosso país é totalmente soberano e independente; não temos bandeira, brasão e hino nacional?”.

**(relembre outras afirmações como estas)**

O conjunto destas ficções é utilizado dia-a-dia, hora a hora, minuto a minuto, para convencer os trabalhadores de que “a culpa” da crise latino-americana é nossa. De vez em quando escutamos essas frases na TV, na escola, nos noticiários, nas rádios. É uma mensagem única que se repete exaustivamente. Desde a infância, até a velhice. Portanto, ainda que sintamos de forma imediata como é nossa sociedade, porque sofremos diariamente, também é verdade que é preciso ir mais além do imediato e do senso comum. É necessário romper o muro construído dia-a-dia pela TV, pelo rádio, a ideologia a serviço dos poderosos.

Para conhecer realmente por que estamos, como estamos e por que vivemos tão mal, torna-se necessário suspeitar do relato oficial que quer justificar essa situação. As perguntas do poder não são nossas perguntas. Temos que desmontar esses relatos e nos perguntar como se estrutura realmente nossa sociedade. E, dado que esta é capitalista, é preciso investigar e debater coletivamente sobre:

### **Que é e como funciona o capitalismo? Como ele pode ser vencido?**

Torna-se, então, imprescindível estudar para ir além do que, à primeira vista, aparece nos meios de comunicação. Definitivamente, é necessário passar dos efeitos e das conseqüências da crise para suas causas e razões.

#### **BIBLIOGRAFIA**

***La militarización de América Latina.*** Campaña continental contra el ALCA. En *América Libre* N°20, enero de 2003. pp.135-137.

James Petras. ***Clase, Estado y Poder en el Tercer Mundo.*** Bs. As., FCE, 1993.

\_\_\_\_\_. ***Democracia de la pobreza y pobreza de La democracia.*** Rosario, 1995.

Fernando Martínez Heredia. ***Imperialismo, guerra y resistencia*** [24 de enero 2003]. No site da internet <http://www.lajiribilla.cubaweb.cu/>.

## **(II) A ideologia do poder e o senso comum popular**

Se pretendermos desmontar o relato oficial da crise e passar da simples descrição de seus efeitos e consequências para o conhecimento de suas causas e razões, temos diante de nós dois desafios:

- 1) Identificar a concepção social de mundo que, de modo implícito, articula os inúmeros esforços da mídia para convencer nosso povo de que a crise latino-americana não tem responsáveis e beneficiários muito precisos.
- 2) Realizar a crítica dessa concepção social de mundo a partir de um método de estudo e uma filosofia própria. Indignar-se, ficar com raiva é fundamental, mas não é suficiente! Intuição, também não. Temos que estudar, que aprofundar, ir até às raízes do problema.

Começemos afirmando: todas as ficções ideológicas que a TV e outros meios difundem dia-a-dia para legitimar a dominação dos poderosos e esconder as causas reais da crise não são um conjunto caótico de absurdos, bobagens ou mentiras caprichosas. Têm uma ordem! Têm uma coerência!

### **Qual é a raiz do discurso midiático oficial?**

Além de ministros, presidentes, jornalistas ou empresários o discurso da sociedade oficial é sustentado e articulado por uma concepção de mundo.

### **Que é uma concepção de mundo?**

Uma concepção de mundo é um conjunto articulado, sistemático e coerente de idéias, conceitos, valores e normas de conduta prática que nos guiam na vida cotidiana. Essa concepção molda nossa visão de como deve ser a sociedade e qual o lugar do ser humano. A concepção de mundo (também chamada “ideologia” ou “filosofia”) confere um sentido à vida de grandes grupos humanos e também de cada indivíduo.

### **Por que não identificamos à primeira vista quais são as concepções de mundo?**

Na maioria das vezes, a concepção de mundo – ideológica ou filosófica – está escondida. Não se vê, não se toca, não está ao alcance da mão. Por isso, acaba sendo aceita passivamente. Quando qualquer pessoa dá sua opinião sobre como se deve educar os filhos, ou se é errado roubar, ou sobre o que acontece com as pessoas depois da morte, ou sobre o suposto “descobrimento” da América e assim por diante, está se apoiando em uma visão social de mundo. Ninguém escapa das concepções de mundo! Ninguém está alheio às ideologias!

Todos temos uma filosofia, saibamos ou não. Isto significa que nosso senso comum – o terreno de nossas opiniões cotidianas – não está alheio às ideologias. Ao contrário: o senso comum transpira ideologia por todos os

poros. Cada palavra, cada opinião, está impregnada de ideologia. Cada observação da vida cotidiana, por mais “inocente”, acidental ou ingênua que pareça, está marcada por uma concepção de mundo.

É impossível uma visão direta da realidade. Olhamos sempre a partir de um filtro ou uma lente: esta “lente” ou esse “filtro” é dado pela ideologia. Podemos tomar consciência de sua existência, ou não, mas existe. Se não tomamos consciência terminamos aceitando-a passivamente. Por que não somos conscientes? Porque a ideologia – quando não se analisa criticamente – opera de maneira oculta, inconsciente e escondida.

### **Que diferença existe entre a filosofia e o senso comum?**

A visão social “espontânea” da vida cotidiana, anterior a qualquer reflexão, se chama senso comum. A visão social coerente, crítica, reflexiva e sistemática, consciente de seus fundamentos e razões, chama-se filosofia. A filosofia (seja própria ou alheia, que defenda os poderosos ou os trabalhadores) sempre dirige o senso comum. Se a concepção filosófica e social de mundo é coerente, articulada e sistemática, como é o senso comum? É exatamente o contrário: contraditório, desordenado e não sistemático. No senso comum convivem e se misturam diversas concepções de mundo, ao mesmo tempo, embora contraditórias.

Um exemplo: a mesma pessoa pode querer um presidente socialista para seu país, mas se opõe a que esse presidente seja um trabalhador. Tem que ser um “doutor”. Os trabalhadores não podem governar; nem mesmo no socialismo. Outro exemplo: um senhor se opõe à violência da polícia porque lhe parece terrível e, ao mesmo tempo, bate em sua mulher e exige que se prenda as crianças de rua. Faz isso sem nenhum problema! Tudo ao mesmo tempo!

Por que estes exemplos se repetem sem fim? Porque o senso comum é assim, contraditório. Pode incluir uma visão progressista da sociedade e uma visão reacionária, contraditórias e misturadas, ao mesmo tempo. A propaganda burguesa da TV, os jornais, a escola, o rádio, tenta neutralizar, no povo, o que seja progressista. Para isso, incentiva o preconceito racista, a competição, a fantasia de uma ascensão social individual (às custas dos demais), a defesa “a qualquer preço” da propriedade privada e a subordinação aos valores das classes dominantes.

A política revolucionária (ideológica e cultural) dos movimentos sociais, dos partidos políticos classistas, dos sindicatos, das organizações camponesas, dos centros de estudantes, dos cursos de educação popular, dos movimentos de mulheres, os jornais de trabalhadores, as rádios comunitárias etc., tentam neutralizar a ideologia inimiga. Para isso incentivam no povo a consciência de classe, a solidariedade, a igualdade, a cooperação e muitos outros valores práticos anticapitalistas.

### **O senso comum é homogêneo e uniforme?**

O senso comum é um CAMPO DE BATALHA entre diversas concepções de mundo, entre diversas ideologias, entre diversas escalas de valores. A ideologia da burguesia e a ideologia da classe trabalhadora disputam a mente e o coração do povo. Ambas querem dirigir e marcar o caminho que vai ser dado à vida, mas em direções opostas. Se os trabalhadores organizados se omitem ou não fazem esta disputa, cedem terreno ao inimigo (que conta com um imenso aparato de propaganda e muitíssimo dinheiro).

Nada cresce espontaneamente, só as ervas daninhas. Sem uma luta pela consciência e pela hegemonia socialista, o senso comum continua passivo, alimentando-se da ideologia inimiga. No máximo, pode se chegar à indignação e à raiva contra os patrões. Nada mais. Para passar da simples indignação à ação política, temos que semear, adubar e regar o senso comum, todos os dias. É o único caminho para que floresçam a consciência e os valores do homem novo e da mulher nova.

Se quisermos passar do senso comum para uma filosofia própria que sustente a ideologia dos trabalhadores, temos que refletir criticamente e de forma ativa sobre nossas próprias opiniões cotidianas. A repulsa, a fúria e a indignação contra a injustiça do capitalismo são um passo importantíssimo na consciência popular; mas não são o bastante. Temos que analisar que usamos – sem dar-nos conta e de forma passiva! – a concepção de mundo e a filosofia de nossos inimigos.

Todas as ficções, mentiras e enrolações sobre a crise da sociedade latino-americana com que a TV e a DITADURA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO nos bombardeiam pertencem a uma mesma concepção de mundo: a de nossos inimigos, a dos poderosos, a de quem vive às custas do povo, ou seja, a burguesia e o imperialismo. Este conjunto coerente, articulado e sistemático de idéias, valores e normas de conduta prática se estrutura sobre os seguintes núcleos ideológicos:

- *“O NORMAL consiste em que a sociedade tenha uma ORDEM: os de cima, em cima e os de baixo, embaixo”.*
- *“Qualquer mudança brusca e radical é ANORMAL”.*
- *“A sociedade se baseia em uma HARMONIA”.*
- *“Cada um tem sua FUNÇÃO na sociedade: quem tem dinheiro ordena e dirige; o povo aceita e trabalha”.*
- *“A justiça consiste em que cada um cumpra com essa FUNÇÃO: os ricos dirigem, os pobres trabalham. Cada um tem o que lhe corresponde”.*
- *“A INJUSTIÇA ocorre quando: (a) os ricos ”se aproveitam” exigindo mais do que o povo deve trabalhar NORMALMENTE; (b) algumas pessoas do povo se rebelam inclusive quando os ricos os pagam NORMALMENTE e os tratam NORMALMENTE”.*
- *“Se alguém do povo não aceita ser dirigido pela burguesia é um subversivo, um militante, um terrorista, um ativista, um infiltrado, um agitador, etc., etc.”.*
- *“A ORDEM da sociedade se baseia na PAZ. Se há conflito, isso é uma exceção à regra”.*
- *“Se há conflito social, é porque um revoltado o trouxe de fora: um infiltrado, um ativista, um militante, um agitador, um subversivo”.*

- *“Sempre houve ricos e pobres”.*
- *“SEMPRE foi assim e sempre será; nada há de novo debaixo do sol”.*
- *“O povo ignorante não pode governar a sociedade nem governar a si mesmo”.*
- *“O que vive mal e passa fome é um perdedor. Ninguém é responsável, só ele mesmo”.*
- *“As ideologias que propõem a Revolução são coisas do passado”.*
- *“A Revolução é impossível porque desapareceu o sujeito da Revolução”.*
- *“É preciso gente com muito dinheiro para governar um país”.*
- *“As pessoas que têm dinheiro podem dirigir a sociedade porque já dirigem suas empresas. Se souberem fazer uma coisa, claro que poderão fazer a outra”.*
- *“A política é suja. É melhor ficar em casa. Os que sabem que governem”.*

**(Acrescente outras afirmações como essas, que você conhece).**

Todas estas expressões de senso comum remetem a uma mesma concepção de mundo, a de nossos inimigos. Existem diversas teorias filosóficas e sociológicas que tratam de legitimar esta concepção ideológica. Algumas delas são:

- **Positivismo:** Corrente filosófica fundada no século 19 por Auguste Comte (1789-1857), na França, e Herbert Spencer (1820-1903), na Inglaterra. Surge quando o capitalismo e a burguesia já estão consolidados na Europa. Seu lema é “Ordem e Progresso”. Acredita na evolução e no progresso linear da sociedade e mantém uma fé absoluta nas ciências naturais, principalmente a biologia. Despreza completamente as ciências sociais, porque pensa que a ordem social responde à ordem natural e que a sociedade é como um organismo biológico onde cada um cumpre uma “função” (os trabalhadores trabalham, os patrões mandam...).

- **Funcionalismo:** Corrente sociológica de origem estadunidense que concebe a sociedade como se estivesse conformada por uma harmonia subjacente. O funcionalismo classifica os conflitos sociais e as contradições de classe como “anomalias”, “falta de adaptação” ou interrupções ao desenvolvimento evolutivo e pacífico da sociedade. Por exemplo: a pobreza e o atraso latino-americanos são “efeitos da escassez de desenvolvimento capitalista”, da persistência de relações tradicionais e da falta de investimentos de capital. Outro exemplo: as populações negras vivem mal porque “não se adaptam” à civilização moderna.

- **Pós-modernismo:** Corrente filosófica de origem francesa que emprega depreciativamente a expressão “a grande narrativa” para referir-se às ideologias e concepções do mundo com pretensões totalizantes. O marxismo, a psicanálise e o cristianismo são exemplos de grandes narrativas. A partir dos anos 80 o pós-modernismo sustentou que estas grandes ideologias haviam “entrado em crise”. Essa tese reatualizava as afirmações estadunidenses de Daniel Bell: *O fim da ideologia* [1960], texto típico da guerra fria que decretava “o esgotamento da política”. Coroando o suposto fim da política de Daniel Bell e o ceticismo pós-moderno frente às grandes



ideologias, o funcionário do Departamento de Estado dos Estados Unidos, Francis Fukuyama publicou “O fim da história” (1989). Uma caricatura “filosófica” que foi amplamente difundida por todas as agências de notícias e jornais capitalistas do Ocidente. Com o pós-modernismo acabaria - supostamente - a política, a ideologia e a história.

Das três correntes (na realidade existem muitas mais), o positivismo conseguiu maior penetração, desde o final do século 19 até a primeira metade do século 20, enquanto o funcionalismo teve maior audiência a partir da segunda guerra mundial, até os anos 60. Durante os últimos 20 anos - desde a era neoliberal de Ronald Reagan e Margaret Thatcher, no começo nos anos 80, até as últimas rebeliões de Seattle, Davos, Buenos Aires e Gênova - é o pós-modernismo que tem conseguido maior influência nos círculos acadêmicos.

O discurso pós-moderno (difundido a todo vapor a partir das universidades estadunidenses e francesas e reproduzido em todos os grandes monopólios de comunicação em nossos países) conseguiu seduzir algumas correntes do campo popular com o seguinte argumento: *“cada movimento social - por exemplo as minorias sexuais e os grupos étnicos, entre outros - deve ter reivindicações fragmentárias, porque se se articulam com outros movimentos na luta anticapitalista, perdem sua especificidade”*.

Não é por acaso que esse tipo de discurso tenha tido quem os escutasse nos anos 80 e 90, justamente quando o neoliberalismo fragmentava e dispersava toda a resistência anticapitalista e popular. Também não é por acaso que, quando a resistência aumenta, o pós-modernismo perde rapidamente popularidade.

### **Toda crítica da modernidade capitalista tem que ser, necessariamente, pós-moderna?**

O marxismo constitui uma ferramenta sumamente útil e produtiva para questionar a modernidade eurocêntrica (Europa como centro do mundo), racista, sexista, colonialista e imperialista (que realizou vários genocídios na história...), mas como teoria crítica da sociedade atual, ao contrário do pós-modernismo, a teoria fundada por Karl Marx não rechaça nem abandona:

- o projeto de emancipação humana;
- a “grande narrativa” que consiste numa explicação totalizante;
- a utopia que propõe a criação de um mundo realmente humano.

O discurso pós-moderno se mostrou tão atrativo e sedutor porque se apresentou de modo sutil como *“defesa das minorias”*, ao invés de mostrar-se como uma legitimação aberta do capitalismo. Contudo, apesar de sua simplicidade e eficiência, na sociedade capitalista contemporânea a luta contra as diversas dominações é muito mais complexa.

Não há possibilidade real de levar a cabo as críticas e reivindicações pontuais contra o patriarcalismo e o machismo, contra a destruição do meio

ambiente, contra o autoritarismo escolar, contra a discriminação racial e sexual ou contra qualquer outra dominação cotidiana se não se luta ao mesmo tempo contra a totalidade do modo de produção capitalista. Sem esta luta pela emancipação radical contra o conjunto da sociedade capitalista e suas dominações, os movimentos feministas, ecologistas, dos povos indígenas, da juventude, etc. serão neutralizados e incorporados pelo sistema. Os aparatos de repressão do imperialismo norte-americano se dão ao luxo de ter comandantes de suas Forças Armadas negros e latinos, mulheres negras ou de origem asiática como assessoras em temas de “segurança” e inclusive militares homossexuais. O porta-voz militar dos EUA na recente guerra genocida e imperialista contra o povo do Iraque (abril/2003) é negro.

Os discursos pós-modernos deixam uma perigosa e tentadora porta aberta para incorporar e neutralizar a luta contra cada uma das opressões, sem apontar, ao mesmo tempo, contra o coração do sistema capitalista como totalidade. Mas a emancipação anticapitalista será total ou não será nada. Se não se conseguir articular os diversos movimentos sociais contra um inimigo comum, as reivindicações pontuais de cada um poderão converter-se, no máximo, em válvula de escape para realizar a modernização (“pluralista”) dentro da ordem imperialista, sempre de cima e deixando intacto o capitalismo como modo indiscutível de vida.

### **O que têm em comum as teorias filosóficas e sociológicas dominantes?**

O que o positivismo, funcionalismo e pós-modernismo compartilham, apesar de suas diferenças recíprocas, é a incapacidade para pensar a sociedade capitalista como um momento transitório e, portanto, superável, da história. A ausência de historicidade é a nota comum das diversas teorias que tentam legitimar a concepção de mundo dos nossos inimigos. Todas congelam, parcelam e segmentam a realidade em movimento. Para eles o capitalismo é eterno! Sempre existiu e sempre existirá. Além disso, pensam a sociedade invariavelmente a partir de harmonias. Ocultam ou camuflam as contradições internas da sociedade capitalista.

### **Existe alguma concepção social do mundo alternativa, onde a ideologia e os interesses da classe trabalhadora sejam centrais?**

Se existe (e nós pensamos e acreditamos que existe), esta concepção filosófica e sociológica teria que se apoiar precisamente na historicidade da ordem atual e na contradição como motor da transformação (o que negam as teorias burguesas em uníssono). Só uma concepção social de mundo desse tipo poderia fazer frente tanto ao positivismo, como ao funcionalismo e ao pós-modernismo. Com esta ferramenta, se facilita a tarefa de disputar a mente e o coração de nosso povo. Deste modo, fica mais fácil a crítica do senso comum burguês. Essa concepção social de mundo existe há muito tempo. Tem uma história. Os trabalhadores latino-americanos, como os

trabalhadores de outros países do mundo, já fizeram uma larga experiência política a partir dela.

## **BIBLIOGRAFIA**

Antônio Gramsci. **O marxismo ortodoxo**. In: *Introdução ao estudo da Filosofia. A filosofia de Benedetto Croce*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Ernest Mandel. **O lugar do marxismo na história**. São Paulo: Xamã, 2001.

Henri Lefebvre. **O Marxismo**. São Paulo: Saber Atual/Difusão Europeia do Livro, 1963.

Louis Althusser. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

Michael Löwy e Daniel Bensaid. **Marxismo, utopia e modernidade**. São Paulo: Xamã, 2001.

Néstor Kohan. **Fetichismo y hegemonía en tiempos de rebelión**. La Habana, Ciencias Sociales, 2005.

### **(III) Por onde começar a estudar?**

## **Necessidade de um método e de uma filosofia próprios**

Para identificar as causas e as razões da crise latino-americana temos que desmontar o relato oficial da burguesia e do imperialismo. Para isto, é necessário refletir criticamente sobre nosso senso comum. Temos que nos esforçar para descobrir o que está oculto: a ideologia de nossos inimigos. Por isso é necessário identificar a concepção social de mundo implícita nas justificativas do capitalismo. Este foi nosso primeiro desafio.

Passemos então ao nosso segundo desafio. Esta difícil tarefa só pode ser assumida a partir de um método de pensamento próprio e a partir de uma concepção filosófica do mundo que defenda os trabalhadores. Se esse método e esta filosofia não existissem, teríamos que criá-los do zero. Teríamos que começar do nada. Teríamos que ir tateando, de olhos fechados, errando a cada passo, indo de encontro às paredes. Mas este método e esta filosofia já existem. Em nossa América, existe uma grande história anterior a nós mesmos, onde várias gerações de revolucionários e revolucionárias se apropriaram deste método e desta filosofia para fundamentar e legitimar suas rebeliões e revoluções.

Quais são, então, este método e esta concepção social de mundo e de ser humano? O método é o método dialético. A filosofia é a filosofia da práxis. (Já analisamos o que consiste uma filosofia e como se diferencia do senso comum).

### **Que é um método?**

Método é um conjunto de regras que marca uma determinada ordem no pensamento, na reflexão e na investigação.

Se observarmos as notícias de TV, a realidade parece ser absolutamente caótica: imediatamente depois da imagem de um assassinato urbano, aparece uma bela modelo com um vestido de um milhão de dólares. Logo depois, a última partida de futebol e, continuando, uma matança no norte da África. Seguem as declarações do presidente dos EUA anunciando alguma guerra ou intervenção militar no Terceiro Mundo, a previsão do tempo e a última moda nas praias do Caribe. Tudo parece estar no mesmo nível! Tudo está misturado!

### **Por que na TV tudo aparece misturado?**

É assim a realidade social? Não, esta mistura e esta confusão correspondem a uma decisão política dos que manipulam a TV. Eles mostram coisas para que, de fato ... nada seja visto e nada seja compreendido profundamente. Mas a realidade tem uma ordem. Se não tivesse seria absolutamente incompreensível. Não valeria à pena estudar como funciona a sociedade para poder intervir e modificá-la. Como a sociedade não é um caos

incompreensível, mas tem uma ordem, o pensamento que pretenda compreendê-la, em profundidade, tem também que ter uma ordem. Não se pode captar e colocar tudo num mesmo nível. Esta ordem do pensamento é garantida por um método.

O método, então, proporciona regras e orientações para se tentar conhecer a sociedade, ordenando o conhecimento por meio de categorias.

### **O que são as categorias?**

As **categorias** constituem conceitos teóricos utilizados pelas ciências sociais para explicar e compreender determinado tipo de relações sociais entre as pessoas. Cada categoria expressa, no plano da teoria, uma relação social que existe na realidade. Como as relações sociais são históricas (vão mudando com o tempo, como resultado das lutas sociais), as categorias devem ser, indefectivamente, históricas. Quando a ciência social erra o caminho e perde o rumo crítico, termina construindo categorias a-históricas, supostamente válidas para todo tempo e lugar. Nesse momento, a ciência deixa de ser tal para converter-se em apologia aberta da ordem social, já não permite criticar nem questionar, passando a apenas legitimar e defender os poderosos.

**Exemplo de categorias:** família, classe social, mais-valor, dinheiro, força de trabalho, consumo, capital, etc. Para uma teoria que questione o capitalismo como sistema social, a classe social será uma categoria de maior peso explicativo do que o tipo de consumo: o consumo das pessoas se dá segundo a classe social a que se pertença e não o contrário. Em troca, para outro tipo de teoria, que não questione o capitalismo, mas que o legitime, o consumo não terá relação alguma com as classes sociais.

Portanto, nas teorias que tentam explicar a realidade social, nem todas as categorias podem estar no mesmo nível. Algumas são mais importantes que outras (porque possuem maior capacidade explicativa). A ordem na qual se disponham essas categorias nas explicações teóricas da sociedade dependerá do método adotado.

### **Qual método nos resta como imprescindível para questionar o capitalismo como totalidade?**

Existem muitos métodos. Alguns priorizam os fatos isolados e fragmentados, pinçados e confundidos entre si como numa colagem. Estes métodos deixam de lado a totalidade em que os acontecimentos se inserem e ganham sentido. Desta maneira os acontecimentos isolados se tornam incompreensíveis enquanto a realidade social se torna eterna. A árvore individual não nos deixa ver o bosque de que ela faz parte. Em contrapartida existem outros métodos, como o método dialético, onde cada acontecimento pontual só pode ser compreendido se inserido numa totalidade social. Não existem acontecimentos isolados.

Um exemplo: uma criança de rua rouba um toca-fitas. O noticiário da TV vai mostrá-lo como um fato isolado, sem contexto, sem história, sem relações

sociais, procurando provocar no telespectador uma reação única: “*É preciso mais polícia na rua, é preciso linha dura!*” Em nenhum momento se formula a pergunta sobre a história da criança de rua e da sociedade em que vive. Ninguém pergunta: como vive? De onde vem? Que perspectiva de vida tem diante de si? Só se mostra o fato isolado, fora de contexto.

Ao contrário deste mecanismo corriqueiro na TV, o método dialético enfatiza sempre o contexto social e a história que, como totalidade, confere sentido a cada acontecimento pontual. Esta totalidade social precisa ser analisada a partir de suas mudanças históricas, a partir de sua historicidade. Esta historicidade não é um capricho. Tem sua origem nas contradições internas que a perpassam. Se a sociedade não fosse contraditória nunca poderia ser transformada.

Continuaria sempre igual a si mesma. Nossos inimigos seriam vencedores até o final dos tempos! Não teríamos esperança! Mas, de fato, não é assim. Portanto, o método dialético é uma ferramenta de trabalho imprescindível. Serve para compreender a realidade social e tratar de modificá-la. O método dialético nos ajuda a entender:

- A sociedade como **TOTALIDADE**.
- A sociedade como **CONTRADIÇÃO** permanente na história.
- A realidade social não como uma soma de fatores isolados nem como soma de INDIVÍDUOS, mas como um **conjunto articulado de RELAÇÕES SOCIAIS**.
- A exploração dos trabalhadores não como um fenômeno NATURAL, mas como um processo SOCIAL.
- A dominação exercida por nossos inimigos como processo histórico, passageiro, transitório e modificável e não como algo eterno.
- As lutas populares a partir da HISTÓRIA.
- A realidade social (o “objeto”) a partir das relações sociais entre os sujeitos (sociais, não só individuais).
- A atividade prática (práxis) do sujeito coletivo a partir da história.
- A HISTÓRIA a partir das lutas populares e a luta de classes.
- A HISTÓRIA a partir da atividade das grandes massas e não dos “indivíduos importantes”.

Esse método que nos permite analisar a sociedade capitalista de maneira histórica - recusando a pretensão burguesa de “eternidade” - se chama método dialético.

### **Que é a dialética?**

A dialética é um modo de existência, essencialmente dinâmico e contraditório, que atravessa tanto a sociedade como o pensamento sobre esta sociedade. A dialética se baseia numa unidade inseparável: a do objeto e do sujeito.

Apesar do que tenta mostrar (e ocultar) a TV do sistema, tanto na sociedade como no pensamento, não se pode isolar, por um lado, as relações sociais e,

por outro, os sujeitos sociais. Não existem sujeitos à margem das relações sociais. Muito menos existem relações sem sujeito. Ambos se pressupõem reciprocamente, se articulam a partir de contradições. Ambos se modificam, historicamente, a partir destas mesmas contradições.

### **Quando surgiu o método dialético?**

Mesmo tendo surgido há muitíssimo tempo com os primeiros filósofos ocidentais na Grécia (no século sexto a.C.), seu principal elaborador foi um filósofo alemão chamado J.G.F. Hegel (1770-1831). Hegel não era um pensador a serviço dos trabalhadores. Não queria o socialismo. Era um burguês. Mas em sua época, há dois séculos, a burguesia tinha pretensões de mudar o mundo. Era revolucionária. Por isso Hegel, o principal filósofo burguês daquele tempo, elaborou uma concepção dialética da realidade e do pensamento.

Mais tarde, Karl Marx (1818-1883) e Frederico Engels (1820-1895) se apropriaram dessa concepção dialética e a utilizaram a serviço dos trabalhadores contra a burguesia. Mas não a tomaram do mesmo jeito que Hegel havia formulado (ambos admiravam Hegel por ter colocado em primeiro plano as contradições e a história, a unidade do sujeito com o objeto, mas reprovavam o fato de ele ter confundido a realidade social com o pensamento acerca dessa realidade).

Se o método que nos permite estudar a sociedade de um modo histórico-crítico e do ponto de vista dos trabalhadores é o método dialético, então:

### **Qual é a filosofia que nos ajuda a refletir sobre o modo em que nossos inimigos deixam sua marca no senso comum popular?**

Os trabalhadores necessitam de uma filosofia que não somente questione a concepção de mundo da burguesia, mas que também coloque na atividade revolucionária o foco e o eixo de sua concepção de mundo. Se o que queremos é questionar a sociedade capitalista atual, necessitamos de uma filosofia que coloque sua ênfase na transformação do mundo. A chave das mudanças está na prática, na ação transformadora, na atividade das massas populares e não no olhar passivo e na confortável contemplação de como são as coisas, hoje em dia.

Numa linguagem “técnica” da história da filosofia, a atividade é denominada como “práxis”. Portanto, nossa filosofia deverá ser uma filosofia da práxis. Porém, não de qualquer práxis, mas de uma atividade transformadora articulada, a partir da história e das contradições de classe (precisamente o que a propaganda do poder e dos meios de comunicação escondem, deformam ou disfarçam). A práxis, a transformação e a atividade revolucionária são a chave para compreender a transitoriedade do capitalismo. Essa concepção de mundo que se conhece como filosofia da práxis tem como centro:

- a atividade das massas populares
- a criação permanente
- a iniciativa política dos/as revolucionários/as
- a unidade do dizer, sentir e o fazer
- o vínculo da teoria com a prática
- a vontade de luta
- a recusa da passividade
- o questionamento de toda visão da sociedade que pretenda olhá-la de fora e sem intervenção
- uma concepção de sujeito em que este nunca é individual e isolado, mas que está formatado por um conjunto de relações sociais
- um olhar científico sobre a história onde os principais protagonistas são os sujeitos coletivos
- a compreensão da construção do sujeito coletivo a partir da história, do confronto e do conflito de classes
- uma concepção social da história onde as lutas atuais recuperam todas as lutas do passado e a memória de todas as pessoas ofendidas, humilhadas, marginalizadas, exploradas, desaparecidas, aniquiladas e massacradas
- a crítica da perda de consciência (ou “alienação”) dos/as trabalhadores/as
- o questionamento de todo endeusamento e toda adoração (o “fetichismo”) do dinheiro, da mercadoria, do mercado e do capital.

A filosofia da práxis permite estabelecer, ao mesmo tempo, uma polêmica com diversas filosofias burguesas. Tanto aquelas que colocam seu interesse nas leis da sociedade como se estas existissem à margem dos sujeitos (chamadas “materialistas”), como aquelas que lidam exclusivamente com os sujeitos, como se estes existissem à margem das relações sociais (chamadas “idealistas”). A filosofia da práxis é a superação das correntes materialistas e idealistas e a crítica do positivismo, do funcionalismo e do pós-modernismo.

### **Que é o materialismo? Que é o idealismo?**

Em filosofia, o termo “materialismo” não significa culto ao dinheiro e ao poder, como é entendido na linguagem popular. Tecnicamente, “materialismo” seria o nome da corrente filosófica que tem como eixo aquilo que existe de forma completamente alheia e independente dos sujeitos, suas atividades, sua consciência e suas relações sociais.

Quando Marx e Engels denominam “materialista” a sua concepção de sociedade e de história, entendem por “materialismo” algo muito distinto das filosofias materialistas clássicas (de Leucipo e Demócrito, na Grécia, até Holbach, Helvetius ou Diderot na França, sem nos esquecermos de Ludwig Feuerbach, na Alemanha). Diferentemente de todos eles (que outorgavam prioridade às categorias de “matéria” e objeto natural, sem nenhuma referência à história), para Marx, a concepção materialista da história remete a um tipo de explicação social que privilegia as relações sociais por sobre as representações imaginárias e os discursos dos indivíduos. Para Marx, a categoria filosófica de “matéria” não tem referência privilegiada com a física ou a química — ou seja, com a natureza —, mas com a sociedade e a



história. A “matéria” de que nos fala Karl Marx em seus livros é uma matéria estritamente histórica e social.

Do mesmo modo, “idealismo” não significa, em termos filosóficos, ter ideais, como sugere a linguagem popular. “Idealismo” é o nome da corrente filosófica que destaca as realidades espirituais e subjetivas, em detrimento das relações sociais e da história.

### **O que têm em comum as filosofias materialistas e idealistas?**

O que há de comum a estas correntes de pensamento reside no fato de que ambas, apesar de uma antiga disputa recíproca (antiga, pois vem desde a Grécia clássica, há cerca de 2.500 anos...), contentam-se em contemplar o mundo. Porém, na realidade, o que se busca é transformar e mudar o mundo. Segundo a filosofia da práxis inaugurada por Marx, a chave não está na interpretação passiva do mundo — seja de maneira materialista ou idealista, a favor do objeto ou do sujeito, a favor da matéria ou do espírito —, mas na **prática revolucionária** que pode transformá-lo.

Os monopólios de (des)informação, através da TV, do rádio e dos jornais, apostam que o povo permaneça passivo e quieto, contemplando o que os poderosos fazem com a política. (Na Argentina, um conhecido canal de TV usa como vinheta, entre um programa e outro, o “*Fique em casa assistindo TV*” e, no Brasil, “A gente se vê por aqui!”).

O pensamento marxista revolucionário, ao contrário, a partir do **método dialético** e da **filosofia da práxis**, aposta num povo que compreenda as contradições e relações existentes na totalidade social e seja capaz de intervir de modo ativo para transformar a sociedade.

## BIBLIOGRAFIA

Adolfo Sánchez Vasquez. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Antônio Gramsci. **O marxismo ortodoxo**. In: *Introdução ao estudo da Filosofia. A filosofia de Benedetto Croce*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Carlos Nelson Coutinho (org.). **O Leitor de Gramsci**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Ernesto Che Guevara. *Sobre los estudios de filosofía* [Carta a Armando Hart Dávalos del 4/XII/1965.]. Incluída em Néstor Kohan. **Che Guevara: El sujeto y el poder**. Buenos Aires, Nuestra América, 2005.

Georg Lukács. **História e Consciência de Classe- estudos da dialética marxista**. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.

Karl Marx & Friedrich Engels. **A ideologia alemã** (*Teses sobre Feuerbach*). São Paulo: Hucitec, 1986.

Karl Marx. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos selecionados**. São Paulo: Ed. Abril, 1985. (Coleção Os Pensadores).

Karl Marx. Introdução aos **Grundrisse**. Capítulo 3: O Método da Economia Política. São Paulo: Boitempo Editorial/Editora da UFRJ, 2011.

Michael Löwy. **Método dialético e teoria política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

José Carlos Mariátegui. *Defensa del marxismo*. En J.C.Mariátegui: **Obras**. La Habana: Casa de las Américas, 1982. Tomo I.

Néstor Kohan. **Marxismo para principiantes**. Buenos Aires: Longseller, 2005.

## **(IV) A conquista da América, o genocídio e o nascimento do capitalismo**

O método dialético nos permite abordar a sociedade e suas relações de um ponto de vista histórico. Somente poderemos compreender o estado atual de uma sociedade indagando sobre a gênese histórica de sua formação, o desenvolvimento de suas contradições e as lutas que a atravessaram até ela constituir-se como tal.

Deste ângulo metodológico constatamos que os males sociais da América Latina e do Terceiro Mundo não começaram há poucos dias. O poder dos exploradores também não. Ambos têm uma longa história. Analisar a sociedade a partir da ótica do método dialético e da filosofia da práxis significa colocar em primeiro plano a historicidade destes fenômenos sociais.

*“O descobrimento” - afirma Karl Marx em seu livro O Capital - “das comarcas de ouro e prata na América, o extermínio, a escravização e o sepultamento nas minas da população indígena, a conquista e o saque das Índias Orientais, a transformação da África em um canto reservado para a caça comercial de escravos negros, caracterizam o amanhecer da era de produção capitalista”.*

Mais adiante, com ironia, Marx continua dizendo: *“Estes processos idílicos constituem fatores fundamentais da acumulação originária”.*

Isto significa que, sem a conquista brutal de nosso continente, sem as matanças, sem a exploração e sem o roubo sistemático de nossas riquezas, não teria existido o capitalismo, em escala mundial, como conhecemos (e sofremos) hoje.

### **Como fizeram os capitalistas europeus e norte-americanos para acumular tanto capital?**

Para que a Europa Ocidental e, em seguida, seu filho contemporâneo, os EUA, pudessem acumular imensas somas de riqueza e de capitais, necessários para impulsionar os primeiros saltos tecnológicos da indústria, no final do século 18 e durante o século 19, foi preciso pisar, subjugar, destruir, humilhar e explorar milhões de pessoas.

***A soma total de todos esses roubos sistemáticos, realizados entre 1500 e 1750, alcança a cifra de mais de 1 bilhão de libras esterlinas de ouro. Quer dizer, mais que todo o capital reunido em todas as empresas industriais movidas a vapor que existiam na Europa até o ano de 1800!***

Desde a conquista e pilhagem do México e Peru até o saque da Indonésia e da Índia, a história dos séculos 16 até o 18 é uma cadeia ininterrupta de atos de bandidagem capitalista. Estes saques contribuíram para a extraordinária concentração internacional de valores e capitais na Europa Ocidental. Sem este fluxo de riqueza do Terceiro para o Primeiro Mundo não

teria havido a Revolução Industrial, no final do século 18, a revolução que inaugura a máquina a vapor.

A partir daí duas formas complementares de exploração se combinaram ao saque da América Latina e Terceiro Mundo: a apropriação direta pela força (forma violenta) e a apropriação indireta por meio do comércio desigual (forma “pacífica”).

### **A conquista e o “descobrimento” da América foi um “encontro pacífico” entre dois mundos?**

Este processo social não foi fruto de acordo nem de consenso mútuo e não teve nada de pacífico. É uma grande mentira a interpretação de 1492 (a chegada de Cristóvão Colombo na América) como um suposto “encontro de dois mundos”. Não houve nenhum “encontro”! Para que haja um “encontro” genuíno é preciso que as partes se encontrem na forma respeitosa dos iguais. Na América, ao contrário, não houve igualdade nem respeito pelas culturas de nossos povos indígenas. Foi um massacre perpetuado sem nenhuma piedade. Primeiro, através dos métodos sanguinários da conquista; depois, através dos métodos “civilizados” da exploração capitalista. O conjunto dos assassinatos acontecidos na América no período da gênese do capitalismo europeu não foi acidental nem caprichoso.

Uma coisa é, numa manhã, um indivíduo louco sair por seu bairro e ao acaso matar um vizinho de modo irracional. Isto seria um assassinato realizado por um demente. Outra coisa muito diferente é uma matança de massas e uma destruição planejada, apoiada ao longo do tempo e, inclusive, argumentada filosófica e teologicamente (pois, segundo o relato dos opressores – salvo raras exceções como Bartolomeu de las Casas - os povos indígenas da América, como os povos negros escravizados na África, seriam “seres inferiores”).

Quando a matança de muitas pessoas é feita com o objetivo de subjugar e aniquilar sistematicamente um povo submetido, se chama “genocídio”. A matança de judeus e ciganos realizada por nazistas alemães de Hitler, na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, é um exemplo típico de genocídio (um dos mais sinistros). O assassinato massivo, a subjugação e o aniquilamento de povos, realizados na América pelos colonizadores europeus (espanhóis, portugueses, ingleses, franceses, holandeses e estadunidenses) é também um genocídio. Nos dois exemplos morreram milhões de pessoas.

## **Os genocídios podem ser explicados a partir da “maldade” de um indivíduo particular (por exemplo, Hitler)?**

Nenhum genocídio é acidental. Nenhum genocídio se explica unicamente pela perversão, maldade ou loucura de um indivíduo isolado. Somente pode ser compreendido a partir da história e dos processos sociais. Ao longo da história, o genocídio tem sido uma ferramenta imprescindível na construção do sistema capitalista mundial. O capitalismo não pode existir sem realizar genocídios periódicos que têm a função de “ordenar” e disciplinar a sociedade subjugada. O genocídio americano foi um dos muitos genocídios realizados durante a história do capitalismo. Referindo-se a esta utilização da violência na história por parte do capitalismo europeu nascente, Marx afirmava que: *“A violência é a parteira de toda a sociedade velha, grávida de uma nova. Ela mesma é uma potência econômica”*.

O genocídio americano que acompanhou e possibilitou a conquista não foi simplesmente fruto da “maldade” humana. Os conquistadores perseguiram objetivos específicos. Dentre todos, sobressai, em primeiro lugar, a exploração das condições de vida de nossos povos indígenas. Com a apropriação das terras indígenas, suas minas, matas e o roubo de seus metais preciosos (fundamentalmente ouro e prata), os colonizadores despojaram os povos indígenas de suas condições de vida.

Esta finalidade primeira, subordinada à lógica de acumulação capitalista, veio acompanhada de outros mecanismos de violência não menos perversos:

- redução da mulher de nossos povos vencidos a um “prêmio de guerra”, com estupros e submissão sistemática;
- destruição sistemática da natureza para submeter as comunidades (como aconteceu, por exemplo, com o personagem infelizmente famoso, Búfalo Bill, que aniquilava massivamente os animais para deixar os povos indígenas dos Estados Unidos sem ter o que comer).

***O machismo mais feroz e o patriarcalismo, combatidos hoje pelo feminismo, e a destruição sistemática da natureza, rechaçada pelos movimentos ecológicos, são, assim como a exploração dos(as) trabalhadores(as), consubstanciais ao capitalismo.***

*“Um povo sem ódio não pode triunfar contra um inimigo brutal”,* afirmava Che Guevara em seu testamento político. O ódio e a indignação que a memória destes processos gera em nossos povos são plenamente justificados. São legítimos e são necessários. Estranho seria não sentir ódio diante de tanta injustiça. Mas o ódio e a indignação - em si mesmos - não são suficientes. Temos que entender o que realmente houve, para impedir que estes fenômenos se repitam. Temos que dar um passo para além da indignação.

## **Como explicar então estes processos?**

A concepção científica da história que é a filosofia da práxis - elaborada por Marx e Engels - aponta para determinadas razões que permitem compreender semelhantes processos de dominação e submissão.

Durante a Idade Média europeia, principalmente nos séculos 9 e 10, se desenvolveram as primeiras grandes cidades italianas. Aí se organizaram as primeiras empresas que não funcionavam para satisfazer necessidades humanas, mas sim para obter dinheiro e lucro. Mas, naquele tempo, este processo econômico ainda era bem pequeno. Somente alcançava a periferia marginal da vida econômica que estava centrada na produção para o consumo (se produz não para obter lucro e sim para satisfazer as necessidades de alimento, vestimenta, moradia, etc.). A busca de dinheiro como um fim em si mesmo ainda não era predominante.

Somente nos séculos 15 e 16 a forma capitalista conquista o coração da sociedade europeia. O capital deixa de estar recluso nas margens da sociedade para ocupar o centro. Estas formas iniciais de capital giram ao redor do capital comercial (aquele que compra de um lado para vender de outro e assim obter lucro). É essa forma inicial do capital que vai financiar as expedições de Colombo e seus seguidores. Por isso, a empresa europeia que faz a conquista é uma empresa surgida no calor do nascimento do capitalismo. Ainda que assumindo formas de “barbárie” e de violência das sociedades pré-capitalistas (como a escravidão e o feudalismo), a conquista da América pela Europa esteve subordinada, desde sua origem, a uma lógica inserida no processo de expansão comercial: a conquista de novos mercados.

A invasão europeia, a matança sistemática, o roubo, o saque, o estupro das mulheres, a destruição da natureza, a exploração e a conquista de nossos povos interromperam o desenvolvimento interno das sociedades americanas. Em nosso continente, antes da chegada dos europeus, existiam diversos tipos de organização social, de povos e de culturas. Entre outros povos, os cherokee, caddo, hasinai, apalache, sekani, carrier, sioux, comanche, omaha, kiowa, apache, kichai, arapajó, cheyene, zapoteco, mixteco, tlapaneco, huasteco, tlaxcalteca, totonaca, maya, lacandón, zoqué, tzeltal, chol, tzotzil, quiché, poloman, otomí, nicarao, araucano, aymarâ, bororó, calchaquí, chibcha, diaguita, guaraní, jibaro, ona, puelche, quechua, tehuelche, yanomami, tupi, guaicurú, kayapó, tupinambá, arwak, karajá, mapuche, sateré, mawé, macuxi, marubo, xavante, baniwa, wapichana, ingarakó, tucano, paraná, guarani, kaingang, kaiowaa, xokleng, mynky, terena, pataxó, hã hã hãe, tikuna, krahô, m'byá, zuruahã, nivacché, nivaclé, etc, etc, etc. A quantidade de povos e culturas é imensamente maior do que mostram os filmes ianques de Hollywood.

Estas culturas e muitas outras que não mencionamos tinham maior ou menor desenvolvimento, extensão territorial e poder, mas todas sofreram um impacto brutal com a conquista. Os povos indígenas que sobreviveram a este massacre inicial e a todos os outros que vieram depois, de modo sistemático seguem, ainda hoje, lutando e resistindo em todas as regiões do continente. Desde o norte do Canadá, Estados Unidos e México, passando por Guatemala, Equador e Colômbia, chegando até o sul do continente na

Bolívia, Argentina, Paraguai, Brasil e Chile. Em todos os países da América, apesar do genocídio, apesar do racismo de Estado (que continua intacto, ainda que *melhorado*), apesar das políticas estatais que apontam para aniquilar e desmobilizar todo confronto, os povos indígenas seguem resistindo contra o capitalismo e o imperialismo, como parte da luta popular e do conjunto da classe trabalhadora.

Mesmo que a rica variedade de culturas americanas, de ontem e hoje, abarque um campo praticamente inesgotável, algumas sociedades conseguiram construir, antes da invasão de Colombo, sistemas sociais e institucionais com extensões territoriais inclusive maiores que os atuais Estados-nação estruturados no continente. Sem desconhecer a rica variedade e a multiplicidade cultural destas sociedades (que não podem ser reduzidas ao esquema racista que quer “classificá-las” nos museus, e tentam reduzi-las às políticas oficiais das diferentes burguesias latino-americanas), algumas das mais importantes foram a sociedade Inca, no Peru, e a sociedade Asteca, no México, sem esquecer os povos de origem Maia, muitos deles agrupados na resistência do zapatismo.

Apesar dos relatos simplificados, junto a estas três grandes culturas, existiram e continuam existindo, muitos outros povos indígenas que conseguiram sobreviver e resistir à dominação. Entretanto, estas sociedades mais estruturadas foram tomadas como arquétipo (símbolos) porque conseguiram chegar mais longe em seu poder, na sua arquitetura institucional e na extensão territorial. Tanto os Incas como os Astecas estavam organizados a partir de um modo de produção que combinava a exploração comunal da terra com o tributo ao rei-deus que governava de maneira autoritária em nome de todas as comunidades.

### **Como surgiram estes grandes impérios originários da América — por exemplo, os incas — que foram conquistados e massacrados pelos colonizadores europeus?**

Na história de toda a humanidade (não somente a humanidade europeia...) a comunidade primitiva era formada por membros que se ocupam da natureza e vivem da caça, da pesca e da coleta de frutos. Não estão assentados em nenhum lugar determinado. Os assentamentos vão surgir quando começam a se dedicar à agricultura. Mais tarde, à medida que avança a capacidade do trabalho humano (criando novos instrumentos e técnicas), os membros da comunidade produzem mais do que antes. Já não satisfazem unicamente suas necessidades básicas. Surge, assim, um excedente. Uma parte do que se produz sobra, e não é consumido imediatamente.

Com o desenvolvimento do trabalho, a separação da agricultura e do artesanato e o crescimento da população, tornou-se necessário realizar tarefas em comum e centralizadas entre várias comunidades. Surge então um poder que se encarrega de proteger os interesses comuns e afastar os interesses contrários. Além disso, realiza grandes obras que beneficiam todas as comunidades; cada uma, isolada, não poderia realizar a construção de canais, andares para a irrigação da terra.

No começo, este poder cumpre uma função social. Mas ao mesmo tempo começa a explorar, a viver do trabalho alheio. Também no caso dos Incas. A exploração de toda uma comunidade por parte de um poder centralizado, semente do Estado, assume uma figura respeitada e reverenciada por todos os membros das comunidades. Assim como no Egito antigo é o faraó, em outras partes é o rei-deus. No Peru é o Inca. O poder centralizado e encarnado no Inca passa a ser o proprietário da terra, substituindo cada comunidade. Portanto, entre o indivíduo e a terra se coloca primeiro sua comunidade e, segundo, a comunidade superior ou o Estado encarnado no rei-deus.

O Inca explora, de forma autoritária, as comunidades locais porque se apropria de seu excedente na forma do tributo, mas entre eles ainda não havia surgido a propriedade privada da terra. A exploração de camponeses das tribos conquistadas pelos Incas – que continuam produzindo de forma comunitária - é coletiva, e não individual. Então, antes da chegada dos europeus, os Incas se encontravam na transição para a formação do Estado e havia uma forma embrionária de exploração classista sem propriedade privada da terra. Naquele tempo estava em formação uma burocracia estatal (com a existência de funcionários especializados que serviam ao Inca e administravam a “comunidade superior” e seus trabalhos agrícolas em grande escala).

A conquista europeia interrompe esta evolução e insere a sociedade incaica, como a asteca e outras mais, numa lógica diversa. A partir daí, os colonizadores estabelecem plantações ou explorações minerais que se utilizam, internamente, de formas de submissão do trabalhador típicas das relações sociais pré-capitalistas. Os trabalhadores de origem indígena não recebiam salários por seu trabalho e os escravos negros trazidos à força da África, também não.

Deste modo nada “pacífico” e nada “voluntário”, os colonizadores europeus subjugarão as diversas culturas dos povos originários. Desde aqueles que viviam da caça e da pesca até os grandes impérios territoriais, como foi o caso emblemático da sociedade dos incas.

### **Que acontecia na sociedade americana nos séculos posteriores à primeira invasão dos europeus?**

Na América colonial - depois da Conquista - não existem trocas “livres” e salariais entre fazendeiros e trabalhadores. Este seria um requisito mínimo para que comece a predominar a relação social tipicamente capitalista: um patrão que paga um salário, um trabalhador que aluga sua capacidade de trabalhar. Uma relação puramente econômica entre os dois. Pelo contrário, na América colonial existiram múltiplas **formas extra-econômicas** que obrigavam ao índio e ao escravo negro a trabalhar pela força e sem pagamento.



Entretanto, ainda que o fazendeiro local e o patrão europeu usassem de formas de submissão não econômicas, o produto que resultava da exploração (o açúcar do Brasil e Cuba, a prata da Bolívia, o charque da Argentina, o café da América Central, etc.) era vendido no mercado mundial. Não se produzia para o consumo. A produção era pensada na forma mercantil para a venda, para obter dinheiro na troca. Deste modo, na América colonial - posterior à Conquista e à destruição dos impérios comunais-tributários dos Incas e Astecas - se formou um tipo de sociedade que articulava de forma desigual e combinava relações sociais pré-capitalistas com as disputas entre os capitais de origem mercantil no mercado mundial. As relações sociais eram distintas entre si, estavam combinadas e umas predominavam sobre as outras.

**Conclusão: O nascimento do capitalismo como sistema mundial teve roteiros distintos nas diversas regiões do planeta. Apesar do que se ensina nas escolas de nossos países, nunca houve um desenvolvimento linear, homogêneo e evolutivo.**

Na Europa ocidental, o nascimento do capitalismo esteve precedido pelo feudalismo e, antes, pela escravidão e a comunidade primitiva. Em vastas áreas da Ásia e África, este movimento seguiu um caminho diverso: da comunidade primitiva ao modo de produção asiático e daí para o feudalismo, ou também da comunidade primitiva ao modo de produção asiático e daí para o capitalismo. A escravidão - típica na Grécia e Roma antigas - não foi universal. O feudalismo, também não. Na América Latina, se passou das sociedades comunais tributárias para uma sociedade híbrida, inserida no mercado mundial subordinado à lógica do capital mercantil e baseada num desenvolvimento desigual e articulado de relações sociais pré-capitalistas e capitalistas.

## **BIBLIOGRAFIA**

Caio Prado Jr. ***História do Brasil Contemporâneo***. São Paulo: Brasiliense, 1973.

Caio Prado Junior e Florestan Fernandes. ***Clássicos sobre a revolução brasileira***. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

Eduardo Galeano. ***As veias abertas da América Latina***. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

José Carlos Mariátegui. ***Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*** [1928]. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

Karl Marx. ***A chamada acumulação primitiva do Capital***. In: *O Capital*. Capítulo nº 24, tomo I. São Paulo: Ed. Abril Cultural, Os Economistas.

Maurice Godelier. ***Natureza e Leis do Modo de Produção Asiático***. p. 83-97. In: Philomena Gebran. ***Conceito de Modo de Produção***. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

## **(V) A sociedade capitalista: o capitalismo como modo de produção e reprodução**

Em muitos filmes de Hollywood, tentaram nos convencer que o capitalismo é sinônimo de “mundo livre”. Supostamente, qualquer pessoa, de qualquer classe social, de qualquer cor, pode chegar a ser um milionário. Bastaria se esforçar e economizar. Quem não consegue, é simplesmente “um perdedor”. A culpa do fracasso é pessoal.

Os grandes jornais sensacionalistas do sistema insistem com a mesma ideia. O destaque da manchete é dado para o caso de um ex-trabalhador ou empregado que virou milionário porque ganhou na loteria ou para o pai de uma estrela do futebol internacional que, antes, vivia na favela, e agora vive num palácio. No caso dos homens, é comum explorar ao máximo a trajetória clássica do campeão mundial de boxe: da fome e da miséria do bairro de periferia, diretamente para a fama, as festas, os carrões e as mansões. Para as mulheres, a televisão apresenta um possível atalho. Milhares de novelas recriam a cada dia na TV o velho conto machista da Cinderela: a empregada doméstica se casa com o patrão e, com vestidos novos e jóias caras, sobe milagrosamente de classe social.

### **Por que na TV a ascensão social é sempre individual?**

Não é casual. Sempre se trata de uma ascensão individual. Os antigos companheiros de miséria seguirão na miséria. Agora os olhará de cima. Estes relatos dos jornais e revistas, estas novelas e estes contos infantis reproduzem cotidianamente a concepção de mundo das classes dominantes. Transformam em senso comum os mitos ideológicos fundantes e as fantasias perversas da sociedade capitalista.

Na vida cotidiana, o capitalismo que existe é muito diferente. Teremos que estudar, então, como é mesmo que funciona.

### **Que é o capitalismo?**

O capitalismo é um **modo de produção** historicamente determinado. Todo **modo de produção** é um conjunto articulado de relações sociais. Na história existiram muitos modos de produção. Antes do capitalismo, houve outros modos de produção:

- A comunidade primitiva: baseada em laços de sangue, de parentesco, de língua, de costumes. Predomina a propriedade comunitária da terra (quando se supera a etapa de coleta de frutos e da caça de animais), a produção e o consumo de autosubsistência - fundamentalmente sem excedentes - e a divisão sexual do trabalho. Não existe um Estado separado da sociedade.
- O modo de produção asiático: surge quando já existe um excedente econômico a ser repartido. Já apresenta um início de poder estatal centralizado que organiza as grandes obras de irrigação (necessárias na Ásia)

e explora de forma autoritária as comunidades rurais apropriando-se de seu excedente, ainda que mantendo a posse comunitária da terra. Nas civilizações americanas, précolombianas, este modo de produção combinava a propriedade comunal com a existência de tributo devido ao poder centralizado.

- A escravidão antiga: pressupõe (na Grécia e Roma antigas) a produção de um excedente e a propriedade privada da terra. Baseia-se no emprego de mão-de-obra escrava ao lado de um campesinato livre. Pressupõe a separação entre a agricultura e o artesanato. Já existe o Estado que garante a dominação necessária para o controle dos escravos e a apropriação coercitiva do excedente. Nos Estados Unidos, por exemplo, durante o século 19 se manteve a escravidão, mas subordinada completamente ao processo mundial de expansão do capital mercantil.

- O feudalismo: na Europa ocidental, se baseava na servidão da mão-de-obra empregada nas grandes extensões territoriais e na pequena produção artesanal nas pequenas cidades que surgiam; o predomínio da produção de valores de uso sobre os produtos fabricados para o mercado, e o contrato jurídico entre o senhor e o servo. A propriedade do senhor estava subordinada por sua vez à hierarquia dos senhores. O senhor feudal é um vassalo do rei. Os camponeses devem pagar um tributo em espécie ou em dinheiro com o excedente que produzem na forma privada. Agrupam-se em aldeias.

Ao longo da história da humanidade, estes modos de produção nunca existiram de forma “pura”. Cada uma das relações sociais se combina entre si e com outros modos de produção, ainda que, em cada sociedade concreta, um tipo de relação social termina predominando sobre o conjunto. Quando o modo de produção capitalista surge e se consolida - principalmente na Europa ocidental - as relações sociais de capital terminam predominando e subordinando as relações sociais anteriores. O capitalismo reorganiza a sociedade em novas bases - pela primeira vez em escala mundial. Este novo tipo de ordem social está baseado fundamentalmente na:

- produção de mercadorias
- produção de mais-valor
- produção (alienada) da subjetividade
- produção de hegemonia
- produção de violência sistemática
- produção e reprodução da relação social do capital

### **Como era a sociedade antes do capitalismo?**

Nas sociedades anteriores ao capitalismo (feudalismo europeu, modo de produção asiático ou o modo comunal-tributário da América antes da conquista) existia uma relação direta entre o ser humano e suas condições de vida. As condições de vida são todas aquelas instâncias que permitem ao ser humano trabalhar e reproduzir sua vida um dia depois do outro, ano após ano. Antes do capitalismo, a principal condição de vida era a terra.

Assim, a grande maioria do que se produzia era valor de uso. Sua finalidade era o consumo direto e a sobrevivência, destinado a satisfazer as necessidades humanas (comida, vestimenta, moradia).

Antes do capitalismo, a produção de objetos como valores de troca - quer dizer, como mercadoria destinada à troca ou ao mercado - era periférica e minoritária. Somente com a emergência do capitalismo a produção de mercadoria - objetos destinados à troca - se torna absolutamente predominante sobre outras formas de produção. Do mesmo modo, antes do capitalismo, o conceito de propriedade expressava uma relação direta entre o ser humano (o sujeito) e suas condições de vida (o objeto), mediadas pela comunidade.

Para que o capitalismo possa se constituir sobre suas próprias bases é necessário uma grande soma de dinheiro para se lançar no mercado e obter lucros. Essas imensas somas de dinheiro provêm da exploração dos trabalhadores e do trabalho não pago apropriado pelos empresários, banqueiros e latifundiários.

Porém, antes que o modo de produção capitalista tenha se constituído:

### **De onde provinham as primeiras grandes somas de dinheiro investidas no mercado?**

A única fonte de origem desses bens é bem diferente daquelas que as novelas e os contos infantis nos contam. A primeira acumulação, a originária, a que inicia todo o ciclo de exploração dos trabalhadores e o enriquecimento do capitalista, não está nem nas suas economias nem no esforço individual, muito menos na loteria. **A origem está na expropriação violenta dos camponeses, da conquista e do saque do Terceiro Mundo e da ruptura da propriedade (quer dizer, da ruptura da relação direta entre o ser humano e a terra).**

Esta ruptura e esta expropriação não foram feitas de “comum acordo”. Não houve um “contrato social” onde todos se puseram de acordo, por consenso, em deixar a posse direta de suas terras. O que houve foi violência extrema. A sociedade moderna capitalista é filha desta violência. Não nasceu como produto de livre acordo, mas sim de uma brutal coerção e imposição capitalista. Através desta violência extrema (roubos, saques, prisões, massacres, conquistas, escravização, etc.) a propriedade da terra foi fraturada. Tanto na Europa Ocidental quanto no Terceiro Mundo.

De um lado ficaram os camponeses europeus e os índios americanos. Todos perderam seu vínculo com a terra. Ficaram pelados e “livres” (livres porque já não tinham acima deles um senhor feudal - no caso europeu - ou um rei-deus - no caso americano - mas também livres porque não tinham propriedade). Somente ficaram com a “capacidade corporal para trabalhar” que Marx chama de **força de trabalho**. A existência de força de trabalho “livre” é, então, um produto artificial - e violento - da história moderna.

Do outro lado, ficaram as terras e as condições materiais de vida (o que Marx chamava de **meios de produção**). Como escravos - majoritariamente de origem africana - eram considerados por seus amos como coisas e objetos, nessa ruptura da propriedade comunitária da terra ficaram do lado dos meios de produção. No olhar de seus senhores, os escravos não eram mais do que um tipo especial de “ferramenta”, aquela que fala. No capitalismo, tanto a capacidade humana de trabalhar, ou força de trabalho, como os meios de produção se transformam completamente em mercadorias. São comprados e vendidos no mercado.

Então, com a ruptura da propriedade comunitária (entendida como “expropriação”), de um lado, ficaram os sujeitos e, de outro, o objeto. Entre estes dois pólos se colocaram os banqueiros, os comerciantes e os recém-surgidos empresários, que impunham sua disciplina de ferro. Assim nasceu a relação social que Marx chamou de **capital**.

### **Que é o capital?**

O capital não é uma coisa, uma soma de “fatores de produção”, uma soma de máquinas e ferramentas, uma simples soma de dinheiro. **O capital é uma relação social de produção** que relaciona, por um lado, os donos do dinheiro e dos meios de produção (previamente expropriados) e, de outro, os trabalhadores que só são donos de seus corpos, de sua capacidade de trabalhar, de sua força de trabalho. Uma vez que a sociedade capitalista se baseia no mercado, e como o mercado implica na falta de controle dos produtores sobre seus próprios produtos, sobre suas práticas e sobre suas relações sociais, a sociedade capitalista gera, invariavelmente, **alienação e fetichismo**.

A alienação se constitui num processo de perda de controle. O que é que se perde no capitalismo? Perde-se a possibilidade de gerenciar racionalmente a economia tendo como base as necessidades da imensa maioria da sociedade, e não tomando como base a busca frenética de lucro para a pequena minoria de empresários. Perdendo toda a racionalidade, o mercado capitalista fica independente das pessoas, adquire vida própria e se volta contra as pessoas. Os trabalhadores, que são os criadores da sociedade, de suas riquezas e seus valores, terminam submetidos pelo produto de seu próprio trabalho.

### **Por que quanto mais brilha o mundo das mercadorias e dos valores no mercado, menos vale e menos importa o ser humano?**

A esta inversão, onde as coisas valem mais que o ser humano e as pessoas, denomina-se **alienação**.

O **fetichismo** é o processo de inversão pelo qual os seres humanos e suas relações sociais se tornam coisas (“coisificação”) e as coisas adquirem características de seres humanos (“personificação”). Esta inversão entre o sujeito e o objeto, entre as coisas e os seres humanos, é chamada de

fetichismo porque adorar uma coisa consiste, precisamente, em adorar um fetiche (ídolos, objetos, dinheiro, etc.).

Então, a relação social de capital se constitui como relação social alienada, coisificada e fetichizada: os meios de vida ganham existência autônoma, e os(as) trabalhadores(as) se transformam em coisas, são feitos simples mercadorias que se pode comprar e vender no mercado ( ali onde o patrão compra a capacidade de trabalhar em troca de salário), como se fosse uma mercadoria como outra qualquer.

O capital é uma relação social que “vive”, que tem existência autônoma, é dinheiro que por si só gera mais dinheiro, graças à exploração produtiva da força de trabalho. Sem esta exploração não pode crescer. Inclusive quando se deposita uma quantia de dinheiro no banco e, depois de um mês, este dinheiro aparentemente “cresceu” sozinho, na realidade, este “crescimento” provém do outro lado. O lucro bancário - a forma mais enganosa de capital, pois aparenta “crescer” sozinho, sem trabalho operário - não tem vida própria. Seu “crescimento” tem sua origem no trabalho não pago dos trabalhadores da indústria, parte que os industriais dão aos banqueiros sob a forma de lucro pelo dinheiro que os banqueiros haviam emprestado.

***Sempre, em todos os casos, o crescimento do valor do capital tem sua origem na exploração do trabalho.***

Um exemplo: os capitalistas pagam, na forma de salário, somente uma parte do trabalho incorporado pelos trabalhadores nas mercadorias. Toda uma parte do trabalho, realizado e incorporado que concretiza a mercadoria (que é vendida no mercado) “não entra” no cálculo do valor que o capitalista paga ao trabalhador, por ter utilizado sua capacidade de trabalhar. Essa parte que “não entra”, mas que foi realizada, é o mais-valor, o núcleo do lucro empresarial.

Dentro desta compreensão de trabalho explorado, que alimenta o lucro empresarial, não está somente o trabalho não pago realizado pelo trabalhador ou trabalhadora no espaço da fábrica ou da empresa. Também existe um outro trabalho não pago... menos “visível” que o trabalho nas fábricas, mas não menos explorado pelo sistema capitalista.

O trabalho realizado em casa para que cada trabalhador(a) e sua família possa comer a cada dia, possa vestir-se e possa voltar no dia seguinte para ser explorado na empresa, também é trabalho não pago. É chamado TRABALHO DOMÉSTICO – serve para manutenção e reprodução da prole. Na sociedade capitalista, machista e patriarcal, esse trabalho doméstico é basicamente realizado pelas MULHERES.

O capitalista não paga este trabalho, mas precisa e se utiliza dele. Não só se apropria do trabalho doméstico de forma “gratuita” (porque não entra no cálculo do salário), como nem mesmo o reconhece como trabalho. Aparece misturado, graças a diversos mecanismos hegemônicos vinculados à cultura, às tradições, etc, com uma aparência de “puro afeto” (da mãe para com os

filhos e o marido, da esposa para com o companheiro, etc.). No interior da família o afeto existe, mas está justaposto com a necessidade de reprodução social capitalista que não tem nada a ver com “afeto”, mas sim com a exploração. Se fosse calculado o valor do salário incluindo o custo do trabalho doméstico, o lucro empresarial se reduziria de forma galopante e o salário do trabalhador aumentaria de *forma inversamente proporcional*.

### **Pode o sistema capitalista prescindir da exploração do trabalho doméstico?**

Essa é uma das muitas razões pelas quais o sistema capitalista precisa reproduzir no plano da subjetividade e das relações de gênero as normas e condutas de submissão patriarcal, culturalmente consideradas “normais” e “naturais”.

O capitalismo é um sistema de exploração que, necessariamente, se alimenta de diversas dominações justapostas e combinadas. A exploração das mulheres – duplamente exploradas: como trabalhadoras na empresa e como trabalhadoras no espaço doméstico - é um dos instrumentos fundamentais para a reprodução do capital.

A dominação da mulher não se limita somente às formas tradicionalistas ou conservadoras da vida cotidiana (as mais visíveis e, por outro lado, também as mais questionadas nas discussões sobre gênero, inclusive pela direita liberal ou nos filmes norte-americanos). A dominação da mulher se encontra no coração mesmo da sociedade e do sistema capitalista e de sua reprodução.

### **Pode haver emancipação real da mulher à margem da luta contra o sistema capitalista?**

Homens e mulheres, capitalistas e trabalhadores, constituem grandes aglomerados de pessoas que se denominam classes sociais. As classes sociais se definem pela posse ou não dos meios de produção e por sua experiência de luta e consciência de classe. A classe operária, a classe genuinamente revolucionária da sociedade moderna, se constitui como tal, na medida em que toma consciência que foi expropriada e consciência de seu antagonismo e contradição com seu inimigo, a classe capitalista. Essa consciência nunca surge automaticamente. É produto do conflito e da confrontação. Assim se forma e se desenvolve a história.

No capitalismo, a força de trabalho produz mais valor do que ela mesma vale. O valor da força de trabalho equivale à soma total dos valores de todas as mercadorias necessárias para que a família trabalhadora subsista e a pessoa assalariada possa voltar a trabalhar, no mês seguinte. O preço do que vale a mercadoria força de trabalho tem um nome: **salário**. No capitalismo (mesmo com variações) o salário sempre é menor que o valor total do que produz a força de trabalho. A diferença entre o valor de tudo o que se produz e o valor de tudo que se paga em salários, tem outro nome: **mais-valor**.

O mais-valor é a expressão do trabalho excedente que na sociedade capitalista os trabalhadores realizam. O mais-valor expressa aquele trabalho que o patrão não paga. Mas não é um “roubo”, ou, em todo caso, é um roubo absolutamente legal. O mais-valor é um trabalho não pago. Essa é a fonte autêntica do lucro empresarial. O lucro não provém de “comprar barato e vender mais caro”, mas sim da exploração do trabalho não pago realizado pela força de trabalho e apropriado pelos patrões.

Quando o mais-valor e o lucro que os patrões extraem dos trabalhadores são gastos em objetos de consumo supérfluos e luxuosos - típicos da vida burguesa - não são reinvestidos na produção. Nesse caso o mais-valor e o lucro se destinam ao crédito. Mas se o trabalho não pago obtido pela exploração dos trabalhadores volta a ser investido, nesse caso o que existe é **acumulação**. A acumulação consiste no reinvestimento da mais-valia no processo produtivo. Assim se incrementa o valor do capital inicial por meio da transformação da mais-valia em capital adicional. O empresário que não acumula, a longo prazo, não pode competir com outros empresários e quebra. Para além das boas ou más intenções de cada patrão ou do que deseja fazer com seu capital particular, a lógica capitalista de toda a sociedade é comandada pela acumulação. Sua lógica de ferro não permite a discussão livre. O capitalista que sonhar em desafiar esta lógica irá irremediavelmente quebrar.

### **Em que consiste esta lógica, esta forma em que o modo de produção capitalista se reproduz e recria cotidianamente suas relações sociais?**

Consiste numa tendência de concentração e centralização do capital. A **centralização do capital** consiste na fusão de vários capitais sob um controle comum (em geral, o mais poderoso). O peixe grande come o peixe pequeno. O empresário mais poderoso engole o empresário pequeno. Esta é uma tendência de toda a sociedade capitalista.

A **concentração do capital** - ou acumulação - consiste no crescimento do valor do capital em cada uma das empresas capitalistas como resultado da acumulação e da concorrência. Como a fonte de lucro capitalista surge da exploração do trabalhador, a relação social do capital não é harmônica. Muito menos pacífica. Existe uma tensão interna, uma contradição que atravessa esta relação. A relação entre a classe capitalista e a classe trabalhadora é contraditória. Esta é a base da **luta de classes**.

**Toda a história da humanidade não é mais que a história destas lutas de classes**. E mais: sem estas lutas não haveria história. Seguiríamos de igual forma que há milhares de anos.

### **A luta de classes é uma luta pessoal entre indivíduos?**

A luta de classes não é uma luta pessoal entre indivíduos. Não depende da bondade ou maldade de um patrão individual (ou de suas pretensões



peçoais). É o conjunto da classe capitalista que tem interesses contraditórios ao conjunto da classe trabalhadora. A luta de classes se expressa tanto no nível econômico, como no político e no ideológico. Nos momentos de crise aguda, a luta de classes se expressa no plano político militar. É o momento mais agudo da luta, o da guerra civil entre as classes sociais. De acordo com o método dialético, a contradição está no próprio coração da sociedade de classes. A luta entre as classes não é um “acidente”.

O modo de produção capitalista está atravessado por múltiplas contradições. Uma das principais consiste nas forças produtivas cada vez mais sociais enquanto as relações sociais de produção são cada vez mais privadas e concentradas. As **forças produtivas** são constituídas pelos instrumentos de trabalho, a tecnologia, os meios técnicos e a própria habilidade da classe trabalhadora. Marx afirma, em seu livro *A miséria da filosofia (1847)*, que: *“A existência de uma classe oprimida é a condição vital de toda a sociedade fundada na contradição de classes. A emancipação da classe oprimida implica, pois, necessariamente, na criação de uma sociedade nova. Para que a classe oprimida possa libertar-se, é preciso que as forças produtivas já adquiridas e as relações sociais vigentes não continuem existindo umas ao lado das outras. De todo os instrumentos de produção, “a força produtiva maior é a própria classe revolucionária”.*

As **relações sociais de produção** são aquelas relações que os seres humanos estabelecem entre si para reproduzir suas vidas trabalhando sobre a natureza.

### **Como distinguir uma época social de outra?**

As diversas épocas históricas e os diversos modos de produção se distinguem entre si, fundamentalmente, pelo tipo de relações sociais que predomina em cada época. A contradição antagônica e a luta entre as classes (entre quem produz cada vez mais de forma social e aqueles que se apropriam cada vez mais de forma privada) estão aninhadas no coração da sociedade capitalista.

A dinâmica da acumulação não é independente desta contradição de classes. Assim, a base do lucro não é “economizar”, nem os ricos são ricos por “esforço”. A base da riqueza e da acumulação é a violência e a exploração de uma classe sobre a outra. Ambas só são entendidas a partir de sua própria história (que os ideólogos capitalistas tentam ocultar sistematicamente com suas narrativas infantis).

### **É possível distinguir um capitalismo bom de um capitalismo mau?**

A base da sociedade capitalista é a exploração e a dominação de uma classe sobre a outra. Não há um capitalismo “bom” e um capitalismo “mau”, um capitalismo “puro” e um capitalismo “impuro”, um capitalismo “humano” e um capitalismo “desumano”. O capitalismo é um só: um pequeno setor - cada vez mais minoritário - que vive às custas da imensa maioria dos povos

do mundo. Sem esta relação de dominação e exploração o capitalismo não poderia sobreviver.

Mesmo que, à primeira vista, o capitalismo gere caos e desordem (os capitalistas competem entre si, há crises, há desperdício de trabalho social, guerras, etc.), na realidade este tipo de organização social tem uma lógica bem precisa: o capitalismo gera sempre mais capitalismo. Por isso, o capitalismo gera sempre novas relações sociais. Não de qualquer tipo, mas sempre capitalistas. O capitalismo se autoproduz, volta a produzir-se diariamente, se reproduz.

### **Por que o capitalismo se reproduz?**

Porque a sociedade capitalista está organizada, de tal maneira, que, de um lado, se acumulam todas as riquezas, os capitais e os valores produzidos pelo conjunto dos trabalhadores de todos os países e, de outro, se acumula miséria, fome, desnutrição e analfabetismo dos povos. A minoria cada vez mais tem mais, a maioria cada vez mais tem menos. Isso não é um “acidente” ou uma casualidade que logo será superada, como dizem os meios de comunicação... esta é a essência do sistema.

Este fenômeno não depende das boas ou más intenções dos empresários, da decência ou da corrupção dos políticos burgueses que os representam, nem do profissionalismo ou do golpismo dos militares que os defendem. Para além das intenções pessoais de empresários, políticos, burgueses e militares, a lógica do sistema capitalista gera essa polarização. Isto repercute sobre o conjunto da vida social. O capitalismo é, além disso, um tipo de sociedade onde predomina a quantidade sobre a qualidade; as mercadorias e o capital sobre as pessoas; o mercado e as trocas sobre a razão e o amor; o frio interesse material sobre a ética e os valores; o cálculo sobre a amizade e o fetiche do dinheiro sobre os seres humanos. Tudo se compra. Tudo se vende. Tudo tem um preço! O capitalismo quebra com todos os preconceitos e sentimentalismos das sociedades anteriores (como a sociedade medieval) e tudo reduz a uma fórmula única: o débito e o crédito. Cada pessoa vale de acordo com o que tem. O dinheiro se converte em Deus todo-poderoso deste tipo de sociedade.

### **Por que o dinheiro joga um papel tão fundamental no capitalismo?**

O capitalismo sempre foi assim. Não é que “agora funciona mal”. Foi assim, desde seu início. Mas, a partir da última década do século 20, este tipo de organização social experimentou uma violenta expansão. Devorou todo o globo! Mesmo tendo desde sua origem uma estrutura de sistema mundial, a partir da década de 90 o mercado mundial arrastou em sua corrente todas as sociedades nacionais.

A luta atual dos trabalhadores contra os patrões não se origina na “inveja” ou no “ressentimento”. Os trabalhadores lutam contra o capitalismo porque a única maneira de viver melhor pressupõe acabar com este tipo de

sociedade. Enquanto um trabalhador consegue subir na vida porque ganha na loteria ou porque seu filho se tornou um ídolo do futebol ou do boxe; enquanto uma empregada consegue subir na vida casando-se com o patrão - casos extraordinariamente raros e excepcionais - milhões seguem afundados no pântano da miséria e da exploração. A única saída é coletiva! Não virá das “boas intenções” ou dos “bons sentimentos” de um patrão que “se importa com seu país”. Também não dependerá da sorte individual. Dependerá da luta de classes dos trabalhadores de todo o mundo. A luta de classes contra o capitalismo é uma luta por toda a humanidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

Karl Marx. ***A chamada acumulação primitiva do Capital***. In: *O Capital – Livro I, Volume 2: O Processo de Produção do Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Karl Marx. ***Formações econômicas pré-capitalistas (em Grundrisse)***. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

Karl Marx. ***A transformação do dinheiro em capital***. In: *O Capital*. Capítulo n. 4, tomo I. São Paulo: Ed. Abril Cultural, Os Economistas.

Karl Marx. ***O Manifesto Comunista***. São Paul: Ed. Global.

Néstor Kohan. ***El Capital. História e Método (Uma Introducción)***. La Habana: Ciências Sociais, 2005.

Yvone Gebara. ***Cultura e relações de gênero***. São Paulo: CEPIS, 2001.

## **(VI) O capitalismo como sistema mundial em expansão**

O método dialético nos ensina e nos sugere tratar de pensar e compreender o capitalismo historicamente, partindo do presente, mas focando nosso olhar numa perspectiva histórica. Assim, promovendo o diálogo entre o presente e o passado, entre o mundo contemporâneo e a gênese histórica, será possível compreender o “incompreensível”, os supostos “enigmas insolúveis” dos dias atuais.

O capitalismo é uma maneira de organizar a sociedade em escala mundial. Mesmo tendo nascido na Europa Ocidental, se estruturou desde seu início como uma sociedade em permanente expansão. O capitalismo não pode existir sem conquistar novos territórios geográficos e novas relações sociais. As primeiras formas assumidas pelo capitalismo estavam centradas no capital bancário e no capital comercial. Durante a Idade Média europeia, os primeiros banqueiros e comerciantes apareceram no século 11. Neste primeiro momento, tanto banqueiros como comerciantes buscavam a obtenção de investimentos e lucros comerciais; entretanto, neste momento, em nível social, predominava a produção de valores de uso para o consumo (valores de uso são todos aqueles objetos que satisfazem necessidades humanas). Mais tarde, nos séculos 15 e 16, as grandes casas comerciais europeias – principalmente italianas – financiaram as viagens expedicionárias em busca de novas rotas comerciais. Nascia o colonialismo moderno: a primeira divisão do mundo em metrópole e domínios coloniais. A partir deste momento, o capitalismo ocidental europeu se expandiu em nível mundial. Foi a primeira “globalização”, ainda incipiente.

Ao final do século 15 e começos do 16, a partir das viagens de Colombo e seus colegas, o mundo começa a ser unificado sob a tutela e expansão do Ocidente, resultando num esmagamento brutal das sociedades periféricas. É “a tarefa do homem branco” que carrega sobre seus ombros o dever de “civilizar” e evangelizar os “bárbaros” (os povos coloniais). A América Latina, subjugada e conquistada, entra na “civilização” ocidental capitalista do mesmo modo que a África e a Ásia: como parte da natureza a ser conquistada e evangelizada. A “humanidade” chegava até onde chegavam os brancos, ocidentais, proprietários e varões. Não é por acaso que os índios americanos tenham sido comparados com animais (quer dizer, como se pertencessem à natureza e não à sociedade) pelos conquistadores europeus. Exatamente o mesmo aconteceu com os habitantes da África, que alimentaram a sede do capital mercantil por riquezas com mão-de-obra escrava.

O saque colonialista do Terceiro Mundo possibilita a acumulação originária da Europa. Esta, por sua vez, permite o desenvolvimento da revolução industrial no final do século 18. Com a introdução da máquina a vapor e a passagem da produção artesanal e manufaturada para a grande produção em escala industrial, o capitalismo das metrópoles (principalmente Inglaterra) se expande ainda mais pelo mundo conquistando novas colônias (ou roubando-as de outras potências como Portugal e Espanha). Até o final

deste mesmo século 18, acontece na França a principal revolução política dos tempos modernos: a revolução burguesa de 1789.

### **O que foi a revolução burguesa?**

O arquétipo (o modelo típico) de revolução burguesa europeia foi encabeçada pela burguesia francesa, a mais radical de todas (porque, diferentemente da burguesia inglesa, não negociou com a monarquia e cortou a cabeça do rei). A burguesia realizou sua própria revolução política liderando todas as classes excluídas pela realeza, a nobreza, o clero e a monarquia. Fez isso tomando o poder e instaurando uma república parlamentar. Fez isto em nome de todo o “povo”, mas, na realidade, inaugura a dominação política burguesa (quer dizer, de uma pequena minoria social). Uma dominação anônima, impessoal, generalizada, realizada em nome de “todos os cidadãos”, mas em benefício exclusivo da burguesia. Mesmo com a coexistência de diversas correntes de ideias no seio da revolução francesa, incluindo os primeiros comunistas como François-Noël Graco Babeuf, o liberalismo se torna hegemônico.

### **Que é o liberalismo?**

Liberalismo é a doutrina que propõe a livre circulação de mercadorias no terreno econômico. “Deixar fazer, deixar passar” é o lema com o qual o liberalismo enfrenta os entraves que a nobreza colocava para a expansão do comércio burguês. No terreno político, o liberalismo propicia uma forma de governo republicana onde a burguesia pode exercer seu domínio de maneira anônima, geral e impessoal, sem os incômodos da ditadura ou da monarquia.

O século 19 foi na Europa o de consolidação econômica do capitalismo industrial e, em todo o mundo – posterior às viagens de Colombo – da “globalização”. Se em suas origens o capitalismo começou acumulando a partir dos bancos e do comércio, no século 19 foi a produção industrial – sob o reinado da suposta livre concorrência – que consolidou o predomínio mundial do capital sobre um conjunto muito heterogêneo de relações sociais.

Na América Latina, através do impulso e apoio do colonialismo inglês (em disputa com outras potências), as nascentes repúblicas latino-americanas se tornaram independentes dos velhos impérios coloniais de Espanha e Portugal. Mas, será uma independência formal. Rapidamente, as repúblicas recém-surgidas se convertem em semicoloniais e dependentes. Surge uma classe dominante local, a burguesia dependente, estreitamente ligada e associada – na economia, na política, na cultura e militarmente – ao domínio das metrópoles. As burguesias dependentes são sócias menores da dominação, primeiramente colonial, e depois neocolonial e imperialista.

É nesse século, que Marx escreve o *Manifesto Comunista (1848)* sobre a expansão do capitalismo e a tendência de unificação do mundo sob o

reinado do valor de troca e a produção para o mercado. Nesse *Manifesto*, Marx fala, com outra linguagem, com outra terminologia sobre o que hoje se conhece como “globalização”. Marx assinalava que, com o capitalismo, “o mundo se unifica”. Também afirma que “o mundo começa a ser redondo, pela primeira vez” a partir dos barcos a vapor, o trem de ferro, o telégrafo, os meios de comunicação que marcaram aquela época.

O capital se expande pelo mundo em extensão e profundidade. Por sua própria lógica interna, o capital necessita expandir-se, tanto em extensão como em intensidade, para “fora” e para “dentro”, se desvencilhando de todo o tipo de relação social que lhe seja adversa, externa ou estranha, que resista; ou sociedades que não tenham sido incorporadas ainda à lógica capitalista. Para dar conta deste processo, Marx utilizará duas expressões que explicam a subordinação e a unificação mundial sob o reinado do valor de troca, o mercado e o capital: subsunção formal (para expansão em extensão) e subsunção real (para a expansão em profundidade).

Por **subsunção formal** Marx entende a subordinação do trabalho ao empresariado sobre as bases de processos tradicionais de produção pré-existentes, na época em que o processo de produção é comandado pelo capital comercial. Nesse caso, o dono dos meios de produção domina e exerce o poder dentro da oficina ou indústria, mas sem intervir nem controlar completamente o processo de produção, pois o trabalhador ainda exerce um grande controle sobre o ritmo e sobre o modo de produzir, ao deter o monopólio do conhecimento (o *saber-fazer*) do processo de trabalho.

A **subsunção real** designa um processo de poder, mando, dominação, subordinação, coerção, despotismo, autoridade, direção, vigilância, disciplina e controle da empresa capitalista sobre o trabalho, que altera completamente o processo de produção. Neste caso, o capitalista pretende penetrar na subjetividade mesma do trabalhador, enquanto este se rebela e busca resistir. Trat-se da relação de dominação e subordinação do trabalho frente ao capital no período industrial. Nesse momento, o trabalhador passa por um processo de expropriação do seu saber-fazer e cristalização desse conhecimento em um processo mecânico e objetivo (as máquinas-ferramentas).

Como o capital necessita expandir-se permanentemente, o capitalismo nasce como um tipo de sociedade internacional, nasce de modo mundial. Estrutura-se a partir dos Estados nacionais – a burguesia procura construir, historicamente, em primeiro lugar, em cada sociedade, o mercado interno, o exército nacional e o Estado-nação, mas, a partir daí, se projeta sempre em nível internacional, desde suas origens. No final do século 19, nesta mesma lógica, as grandes potências capitalistas ocidentais se lançam na disputa pela conquista do planeta. A França competirá com os Estados Unidos na tentativa de alcançar a Inglaterra (que naquele tempo estava na frente). Alemanha e Itália estavam atrás porque ainda não haviam se unificado como Estado-nação moderno.

No final do século 19, o mundo já está repartido. Quem quisesse novos mercados para exportar seus capitais (não só seus produtos mercantis) necessitaria começar uma guerra de conquista. É um tempo de salto qualitativo para o capitalismo. O crescimento da competição entre as firmas industriais nacionais dará lugar para o nascimento de grandes monopólios. A livre concorrência das metrópoles e o colonialismo deixam caminho para o nascimento do imperialismo. Lenin foi um dos principais teóricos do movimento revolucionário em nível mundial (um dos líderes da revolução bolchevique na Rússia, em outubro de 1917, a primeira revolução socialista triunfante na história da humanidade). No livro *O imperialismo, fase superior do capitalismo* (1916), Lenin afirma que, com a emergência do capitalismo imperialista, termina a velha dicotomia e competição entre capitais industriais e bancários. Produz-se uma nova fusão onde os mesmos capitais se dedicam à produção industrial e ao mundo das finanças.

Este novo tipo de capital é o capital financeiro, hegemônico nos tempos de imperialismo. Este tipo de capital já não promove a expansão territorial das grandes potências – típica da época colonial onde a grande potência invade e conquista sociedades menos poderosas - mas um tipo de expansão apoiada na exportação de capitais. Estes desejam obter – em troca de seus investimentos – diversos tipos de renda dos países subjugados, concedendo-lhes uma independência política formal, mas mantendo a dependência econômica.

### **Quais são as características do imperialismo?**

Lenin resume as linhas centrais desta nova fase do capitalismo mundial identificando determinadas características gerais:

- 1) Concentração da produção, centralização dos capitais e emergência de imensos monopólios, oligopólios, empresas multinacionais, *trust*, corporações e cartéis;
- 2) Novo papel dos bancos que abandonam sua antiga competição com os capitais industriais para juntar-se a eles no mundo das finanças;
- 3) Surgimento do capital financeiro como fusão dos capitais bancário e industrial;
- 4) Emergência de um setor extremamente concentrado do capital financeiro, denominado “oligarquia financeira”;
- 5) Exportação de capitais a partir das grandes potências metropolitanas para as zonas periféricas com o objetivo de diminuir os custos em matéria prima e força de trabalho e maximizar os lucros;
- 6) Divisão do mundo entre as grandes corporações multinacionais seguida da divisão do mundo entre as grandes potências capitalistas.

Não se pode entender as duas grandes guerras mundiais (e todas as guerras “menores” que se seguiram, ao longo do século 20), sem reconhecer a existência do imperialismo. Somente à luz do imperialismo se pode compreender o genocídio nazista, na Europa, e o genocídio latino-americano, promovido nos anos 70 e 80 pelas ditaduras militares no Paraguai, Brasil, Bolívia, Argentina, Chile, Uruguai, Peru, Guatemala, Nicarágua, El Salvador,

etc. Um genocídio que foi articulado metodicamente – com instrutores de tortura e guerra contra insurreições – pelo imperialismo estadunidense. Um genocídio “científico” e racionalmente planejado. Quando o capitalismo consegue interromper a expansão da revolução bolchevique de 1917 e disciplinar a força de trabalho em nível mundial depois da segunda guerra, o imperialismo entra numa nova fase. Se o imperialismo “clássico” existe na Europa Ocidental e Estados Unidos entre, aproximadamente, 1890 e 1940, a nova fase imperialista é inaugurada a partir do final da segunda guerra.

Desde 1945, até princípios dos anos ’70, o capitalismo imperialista das metrópoles se consolida sobre uma base comum: o Estado começa a intervir sistematicamente no mercado (a favor dos monopólios); concede-se certa estabilidade trabalhista aos segmentos mais altos da classe operária europeia (a aristocracia operária) em troca de que seus sindicatos respeitem a “nova ordem” capitalista; expande-se o setor capitalista de serviços gerando uma sociedade de forte consumismo. Além disso, gera-se uma inflação permanente como forma de financiamento de créditos para a indústria e o consumo de massas. Continua crescendo – fundamentalmente nos EUA – o setor de armamentos que chega a formar um complexo militar-industrial, ainda poderoso em nossos dias.

### **Que relação existe entre o capitalismo tardio e o neocolonialismo?**

Esta nova fase do capitalismo imperialista metropolitano (que alguns autores denominam “**neocapitalismo**”, outros “**capitalismo tardio**”, “**capitalismo de organização**” ou “**capitalismo fordista**”) se articula no exterior com o **neocolonialismo**.

Sem colônias formais, a dominação continua no terreno econômico. No total, esta fase do capitalismo dura aproximadamente 30 anos. Três décadas de mansa submissão da classe trabalhadora europeia e norte-americana aos mandos do capital. Enquanto isso, depois da derrota dos nazistas pelas mãos do Exército Vermelho soviético durante a segunda guerra mundial, se forma um bloco euro-oriental de países pós-capitalistas (autodenominados “socialistas”) liderados pela União Soviética. Estes países têm a desvantagem de terem sido devastados em seus territórios (diferente dos Estados Unidos) pela invasão dos nazistas. Além disso, se consolida entre eles o poder elitista de uma forte burocracia política – formada na Rússia depois da morte de Lênin e da época gloriosa da revolução socialista de 1917 – o que interrompe todo o desenvolvimento da consciência socialista e todo o poder dos trabalhadores. Esta interrupção assume diversas “teorias” e “doutrinas” oficiais naqueles países, a mais conhecida é a da “coexistência pacífica” com o imperialismo, através da qual a URSS se compromete a não apoiar revoluções de países na órbita ocidental. Esta doutrina se implementa após a morte de Stálin, que previamente havia dissolvido a Internacional Comunista para ganhar a simpatia dos líderes capitalistas ocidentais.

No Terceiro Mundo, nesta mesma época, se sucedem diversos processos revolucionários. Dentre eles, as revoluções do Vietnã, China, Coréia e Cuba



emergem como revoluções socialistas. Em outros casos (Argélia e diversas colônias africanas), este processo se limita à independência nacional e à descolonização política. Na América Latina, com exceção de Cuba, se vive o auge de diversas experiências nacionalistas e populistas encabeçadas pelas burguesias locais (e suas forças armadas) que ensaiam modelos industriais de substituição do que não chega das metrópoles, e cobrindo os espaços vazios das indústrias monopolistas. Esta industrialização latino-americana, deformada e dependente, não modifica a estrutura agrária atrasada de nossos países. Liderada pelos sócios locais do imperialismo e do neocolonialismo, não consegue romper o estreito marco do capitalismo periférico. É uma industrialização pela metade ou uma “pseudo-industrialização”, como dizem alguns autores.

O imperialismo consolida, entre 1945 e princípios de 1970, sua hegemonia para os países capitalistas metropolitanos, mas vai lentamente perdendo a iniciativa na periferia do sistema mundial. No começo dos anos '70, por consequência da insubordinação generalizada que se experimentou no ano de 1968 nas metrópoles e de diversas lutas de insurreição no Terceiro Mundo (encabeçada pela revolução cubana na América Latina), o modelo hegemônico do capitalismo tardio do pós-guerra entra em crise. A esta crise se soma a grave crise do petróleo e outra crise do dólar, no terreno econômico.

### **Que é e como nasce o neoliberalismo?**

Respondendo a essas múltiplas crises em nível mundial, o capitalismo retoma as ofensivas econômica, política, militar e ideológica que vinha perdendo ao longo do século. A partir daí se coloca a tarefa de dobrar a classe trabalhadora da metrópole, derrotar as insurreições do Terceiro Mundo e fragilizar os países do bloco Leste. A ideologia que legitima esta ofensiva em nível mundial se chama neoliberalismo. Este retoma do antigo liberalismo do século 18 a bandeira da abertura comercial sem limites e a livre circulação econômica do capital, mas combinando com formas políticas ditatoriais, fascistas e repressivas e ideias culturais extremamente conservadoras e autoritárias.

A primeira “experiência” política, em nível mundial, da nova ofensiva capitalista neoliberal foi o golpe de Estado no Chile, em 11 de Setembro de 1973, realizado pelo general Pinochet contra o presidente socialista Salvador Allende. A partir daí, generalizando a experiência capitalista de novo tipo, a sangue e fogo por todo o continente latinoamericano, Margaret Thatcher – na Inglaterra – e Ronald Reagan – nos EUA – aplicaram as novas receitas para o mundo metropolitano. A isto se somou a crise terminal interna do bloco do Leste (que resultou na queda do Muro de Berlim e no desaparecimento da URSS) e uma nova revolução tecnológica das comunicações.

Fruto desse conjunto de processos articulados, o capitalismo, que nasceu há cinco séculos como sociedade em expansão, volta a experimentar uma nova expansão planetária. Uma das características desta nova etapa do

imperialismo – cada vez mais agressivo e guerreiro – é a internacionalização da produção. Não somente nas finanças, como dizem os jornais burgueses.

### **Com o neoliberalismo desaparece o Estado?**

***Com o neoliberalismo, o Estado não desaparece, apenas muda de função, ao contrário do que dizem as academias universitárias latino-americanas.***

Abandonando o estilo de intervenção que vinha realizando desde 1930 – aproximadamente – e principalmente a partir do final da segunda guerra, o novo Estado capitalista neoliberal continua intervindo para garantir a renda, o lucro e os interesses dos empresários. Retira-se dos serviços (saúde e educação, por exemplo), mas está mais presente no terreno da repressão interna e na criminalização dos protestos de trabalhadores e camponeses. Com a repressão política, cresce a militarização e a superexploração da classe trabalhadora.

O novo capitalismo imperialista redobra a assimetria de poder e dominação em escala mundial a níveis inimagináveis. Atualmente, 600 empresas monopolistas transnacionais controlam os Estados das grandes potências capitalistas e o mercado mundial. Os povos do Terceiro Mundo – não suas burguesias, sócias servis do imperialismo – cada vez mais, estão submetidos. Segundo as Nações Unidas, a fortuna dos 358 indivíduos mais ricos do planeta é superior aos ganhos anuais somados de 45% dos habitantes mais pobres da Terra.

Não é, então, verdade, que o capitalismo segue exatamente igual como no tempo de Lênin, no começo do século XX. Mas, também, não é verdade que o imperialismo tenha desaparecido ou que os Estados-nação tenham desaparecido. O imperialismo continua existindo. Continua existindo o capitalismo. Continuam as guerras. Continua a luta de classes. A classe trabalhadora segue lutando por outro mundo possível, um mundo socialista... A “globalização” atual nada mais é do que uma nova etapa dessa longa história. Como todas as fases anteriores, não é um processo inevitável, nem definitivo. É um produto da luta de classes. Uma vez que o capital se universaliza cada vez mais, a luta dos trabalhadores e as resistências populares também se globalizam.

## **BIBLIOGRAFIA**

Atilio Borón. ***Imperio e imperialismo. Una lectura crítica com Michael Hardt y Toni Negri.*** Buenos Aires: CLACSO, 2002.

Cláudio Katz e Osvaldo Coggiola. ***Neoliberalismo ou crise do capital?*** São Paulo: Xamã, 1999.

Edward Said. ***Orientalismo.*** Barcelona: Madrid, 2002.

Edward Said. ***Cultura e Imperialismo.*** Barcelona: Anagrama, 2001.

François Chesnais. ***A Mundialização Financeira.*** São Paulo: Xamã, 1999.

Karl Marx. ***O Capital.*** Capítulo nº23, tomo I. São Paulo: Ed. Abril Cultural (Os Economistas).

Lênin. ***Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo.*** Obras Escolhidas. São Paulo: Ed. Global.

Noam Chomsky. ***Novas e velhas ordens mundiais.*** Rio de Janeiro: Scritta, 1996.

Ernest Mandel. ***El capitalismo tardío.*** México: ERA, 1980.

José Paulo Netto. ***Crise do Socialismo e Ofensiva Neoliberal.*** São Paulo: Cortez, 1995.

Ruy Mauro Marini. ***Dialéctica de la dependencia.*** México: ERA, 1990.

Samir Amin. ***Os desafios da Mundialização.*** São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

Virgínia Fontes. ***O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história.*** Rio de Janeiro; Ed. UFRJ, 2010.

## **(VII) Por que o capitalismo não cai por si só? (capitalismo = violência + consenso)**

*“Falta muito para o fim do capitalismo? A que hora vai acabar? Me avisem, assim posso me preparar!”* Podemos esperar sentados e, por séculos, até que alguém nos responda a estas perguntas. Porque o capitalismo não “acaba”? O capitalismo se sustenta sozinho, se reproduz. Por isso, não cai por si só. O capitalismo é um tipo de sociedade histórica que, enquanto produz de forma generalizada mercadorias e mais-valia, ao mesmo tempo reproduz a relação social do capital.

### **Que é a reprodução?**

A reprodução das relações sociais capitalistas consiste, de um lado, na criação permanente de novos trabalhadores como força de trabalho que se vende e se compra no mercado (como qualquer outra mercadoria) e, de outro, de novos empresários que investem, obtêm lucros e acumulam. O objetivo da reprodução é superar as crises do sistema e toda ameaça revolucionária que crie obstáculos a este processo. A reprodução capitalista, como a dominação burguesa, nunca são exclusivamente econômicas. A reprodução precisa garantir um mínimo de “ordem” para que o conjunto das relações sociais de exploração possa continuar existindo e rendendo frutos de modo “normal”... , quer dizer, de modo capitalista.

### **Que é uma crise?**

A crise consiste na acumulação explosiva de múltiplas contradições que, somadas, fazem balançar a ordem do sistema, abrindo a possibilidade – que não necessariamente se concretiza – da intervenção revolucionária dos trabalhadores para a destruição e transformação do sistema. A “ordem” que o capitalismo precisa não se produz sozinho. A reprodução, sem a qual o sistema capitalista não pode recomeçar ano após ano, também não é “automática”.

Existem múltiplos mecanismos destinados a manter a “ordem”, garantir a reprodução e neutralizar toda intenção política contrária. Em resumo, seus grandes eixos são: a violência e o consenso, o poder e a ideologia, a dominação político-militar e a direção cultural, a força material e a hegemonia. Para explicar este processo, Maquiavel, fundador da moderna ciência política, apelava para a figura de dois animais: a astúcia da raposa e a força do leão.

Quanto mais frágil é a dominação capitalista e quanto maior a crise na sociedade, mais violência necessitam os empresários para continuar vivendo do trabalho alheio. Ao contrário, quanto mais sólida e forte é a dominação, mais “democrático” e “pacífico” é o capitalismo. A combinação de violência e consenso dependerá, então, da efetividade alcançada pelo domínio político burguês e sua reprodução.

## **Que papel joga a violência na reprodução da ordem social capitalista?**

Da mesma maneira que, nas origens do capitalismo, durante a acumulação originária, a violência foi a “parteira da história”, durante o capitalismo maduro este papel não desaparece de cena. Ao contrário, periodicamente, quando a crise fica mais aguda e já não são suficientes os mecanismos “democráticos” para manter o povo em seu lugar, as forças repressivas passam imediatamente para o primeiro plano.

O caso das duas guerras mundiais é extremamente expressivo a esse respeito. O mesmo se pode dizer sobre o genocídio e o desaparecimento de pessoas durante as lutas sociais dos anos 70 e 80 na América Latina. Quando a dominação burguesa se vê em perigo, o terror mostra seu rosto sem máscara. Um velho refrão diz que *“não há nada mais parecido a um fascista que um burguês assustado”*.

Isto não é algo do passado nem está confinado às sociedades periféricas – supostamente “primitivas” – enquanto que no capitalismo desenvolvido reinaria a paz, a tranqüilidade e a concórdia. Durante o ano de 1992, na cidade norte-americana de Los Angeles, o Exército teve que colocar os tanques nas ruas para estancar os protestos da população norte-americana contra o racismo. Mais recentemente, em Seattle (EUA), ou em Gênova (Itália), as forças político-militares do Estado tiveram que sitiar militarmente as cidades para conter os protestos populares. Esta violência não tem nada a ver com a violência dos de baixo, de um homem do povo alcoolizado, que pega uma faca e sai ameaçando irracionalmente, pelas ruas. Muito menos diz respeito à violência de gangues juvenis, de um bairro de periferia, de qualquer cidade do mundo. Nem mesmo com a de militantes sindicais que jogam pedras, durante uma greve de ônibus, num fura-greve.

### **Por que o Estado é necessariamente violento?**

Diferente destes exemplos (e de muitos outros parecidos...) a violência do Estado é sistemática, é uma violência racionalmente planejada, é uma violência oficial que conta com milhares e milhares de profissionais treinados e uma imensa e poderosa máquina de guerra. A violência do Estado é uma violência dos de cima.

Mesmo que na TV, nos jornais, na escola nos digam que essa imensa máquina de violência tem como objetivo “defender o país de ataques externos” (quer dizer, de outros Estados), na realidade, no capitalismo consolidado, o inimigo do Estado e da violência de cima está dentro do próprio país. Toda esta maquinaria conta com milhares e milhares de homens armados e dispostos a matar, está destinada a reprimir o povo e os trabalhadores.

### **Que é o Estado?**

Não existe uma única definição. Cada ideologia política define a seu modo. O liberalismo burguês, por exemplo, afirma que o Estado é “a nação juridicamente organizada”. Não faz distinção de classes: é “a nação” em seu conjunto, ou seja, todos os cidadãos de um país. O Estado, segundo o liberalismo, representaria a todos igualmente... Isto é o que se costuma ensinar às crianças nas escolas.

A filosofia marxista da práxis questiona esta ideologia liberal. Para o marxismo, para a ideologia da classe trabalhadora, o Estado nunca representa “todos por igual”. O Estado é a cristalização institucional de determinadas relações sociais de força e, por isto mesmo, nunca é neutro, nem independente da luta de classes. O Estado defende a alguns setores em particular. Na sociedade capitalista estes setores pertencem à burguesia. O Estado do capitalismo não é sinônimo de “nação” em seu conjunto. É um Estado burguês.

### **O Estado e o poder correspondem ao governo do dia? Chegar ao governo é o mesmo que chegar ao poder?**

O Estado burguês conta com um conjunto de instituições repressivas permanentes (que não mudam com um governo de direita ou de esquerda, liberal ou socialista). Estas instituições não estão sujeitas ao voto. Elas servem para garantir a “ordem normal” da sociedade capitalista e a dominação da burguesia: o Exército, a Força Aérea, a Marinha, as diversas polícias, os serviços de inteligência, os juizes, os tribunais, as prisões. O povo, no melhor dos casos, pode votar num governo (inclusive de esquerda e socialista), pode votar num presidente, pode votar em deputados e senadores.

Mas o povo jamais vota se deve ou não existir um Exército, se devem existir ou não serviços de inteligência, se devem existir cárceres ou tribunais, se deve existir ou não a polícia. Isto não se vota! Isto não está sujeito a nenhuma eleição. São instituições permanentes que contam com milhares de profissionais treinados para exercer a violência. O exercício permanente do poder do Estado (não importa quem seja o presidente ou o partido no governo) tem um conteúdo: este conteúdo é o da classe que tem o poder. Esse conteúdo de classe não está sujeito a eleição, não se vota nele. A única maneira de mudar o conteúdo de classe de um Estado é mediante uma revolução.

Por exemplo, o novo conteúdo de classe – nitidamente burguês – que se inaugura, no Estado da França em 1789, corresponde a uma revolução. Este conteúdo de classe do Estado, permanente, se exerce através de diversas formas políticas. Excluindo uma ditadura, o Estado burguês, em geral, não mostra abertamente suas garras. Disfarça-se de cordeiro. Aprendendo da revolução burguesa vitoriosa em 1789, o Estado burguês fala em nome de “todos”, em nome dos “cidadãos”, em nome da “pátria”, nunca em nome dos empresários e banqueiros que realmente defende. Neste sentido, se o Estado burguês é realmente efetivo, nunca defende a um patrão individual. O Estado burguês defende os interesses da burguesia, como conjunto. Por

isso, Marx, no *Manifesto Comunista*, afirma que “*O Estado não é mais que uma junta de negócios comuns da burguesia moderna*”. Quanto mais “comuns” forem os negócios que defende, menos necessitará da violência de suas instituições repressivas que se manterão latentes (só como ameaça).

### **Qual é a forma política de dominação burguesa mais efetiva e eficaz?**

A verdadeira dominação moderna, que supera as imperfeições da dominação de um rei ou de uma ditadura de um indivíduo (habitualmente um militar), é a dominação anônima, universal e despersonalizada. Quanto mais geral é a dominação, mais difícil é resistir a ela, a partir da classe trabalhadora. Identificar um general Pinochet como o ditador máximo, a serviço dos monopólios capitalistas, é muito mais fácil que identificar o conteúdo de classe de um Estado burguês republicano de um país que funciona na forma despersonalizada, com parlamento, senado, eleições periódicas, imprensa, diversos partidos políticos (de direita e esquerda), juízes “independentes”, opinião pública “livre”, etc. Pensando precisamente neste processo, Marx diz, no *Manifesto Comunista*, que “*a burguesia, depois do estabelecimento da grande indústria e do mercado universal, conquistou finalmente a hegemonia exclusiva do poder político no Estado representativo moderno*”.

Sob a forma política da república parlamentar, com sua imprensa organizada nas grandes cidades, seus partidos políticos modernos, seu poder legislativo, suas alianças políticas, os fracionamentos políticos de classe, a autonomia relativa da burocracia, etc., o Estado representativo moderno leva ao limite máximo de eficácia o domínio político burguês. Desta maneira se superam as formas políticas impuras, incompletas e pré-modernas.

Existem, então, distintas formas de dominação política:

- a) monarquia absoluta;
- b) monarquia constitucional;
- c) ditadura militar;
- d) república parlamentar;
- e) formas híbridas (mistas).

A **monarquia absoluta** existiu como forma política, no período de transição do feudalismo para o capitalismo. A burguesia nascente ainda disputava com a velha aristocracia o poder do Estado, visando obter os mesmos privilégios da nobreza. A **monarquia constitucional** surgiu, no século 17, na Inglaterra, como forma mista de compartilhar o poder nascente da burguesia inglesa e as velhas classes de grandes proprietários de terras, momento em que nascia o liberalismo político como ideologia da classe burguesa. Hoje em dia, diversas sociedades europeias têm monarquias constitucionais, mas nelas já se define, de antemão, o conteúdo absolutamente burguês do Estado.

A **ditadura militar** (nas formas clássicas europeias do fascismo italiano [1922-1945], do nazismo alemão [1933-1945] ou das ditaduras latino-americanas) expressa uma forma de dominação imperfeita. Mesmo não coincidindo de forma completa ao conteúdo burguês, sem discussão, gera, em geral, fortes resistências populares, inclusive armadas.

Quando o capitalismo experimenta uma **crise orgânica** a ditadura militar vem para salvá-lo, inclusive assumindo formas menos “puras”.

### **Que é a crise orgânica?**

A **crise orgânica** é uma crise estrutural de longo prazo – distinta da crise pontual de conjuntura, onde somente está em discussão um ministro ou uma medida de governo. A crise orgânica é a combinação explosiva da crise econômica e da crise política... juntas! Consiste na crise e enfraquecimento de um regime político e perda de consenso na população, no conjunto da classe dominante e seus partidos políticos.

Para explicar os governos de força que tentam salvar o poder burguês durante as crises orgânicas, os grandes teóricos do socialismo como Marx e Gramsci, apontam duas formas de dominação. Foram batizadas recorrendo a personagens famosos da história. Marx chamou de “bonapartismo”, usando como exemplo a ditadura de Luis Bonaparte (sobrinho do famoso Napoleão), na França, durante o século 19. O **bonapartismo** expressaria aquela forma política na qual, durante um período de crise, o exército, a burocracia e o Estado aparentam independência da luta de classes para ser seu árbitro. No bonapartismo, os partidos políticos burgueses se separam da burguesia como classe. Na ordem política, a burguesia passa a ser representada, por exemplo, pelo exército.

Antônio Gramsci recorreu à figura do famoso político romano da Antiguidade, César, para falar de cesarismo. Esta forma política representaria, no terreno político, um equilíbrio aparente de forças sociais em luta. Como fenômeno ainda mais geral, o cesarismo expressaria soluções de compromisso entre setores enfrentados. Seja como ditaduras clássicas ou como ditaduras bonapartistas e cesaristas, os empresários, como classe coletiva e não em nível individual, correm o risco de gerar muita oposição a seu poder. Isto é muito perigoso e explosivo!

Então, para resolver a crise orgânica e a crise de hegemonia, no lugar de manter, por meio de ditaduras, a mesma ordem social que gera o conflito, muitas vezes, na história, a classe capitalista e seus representantes políticos mais lúcidos e inteligentes iniciam um processo de transformação denominado de **revolução passiva**.

### **Que é a revolução passiva?**

A **revolução passiva** é uma espécie de “revolução-restauração”, ou seja, uma transformação social operada de cima, a partir do aparato de Estado, por meio do qual os poderosos modificam lentamente (“molecularmente”,



como diz Antonio Gramsci) as relações de força, para neutralizar as revoltas, os protestos e a oposição de seus inimigos de baixo: as classes populares, exploradas, submetidas e subalternas ao poder burguês. Mediante a revolução passiva, a classe dominante e dirigente busca cooptar seus adversários e opositores políticos, incorporando parte de suas reivindicações, mas com uma nova roupagem, despojadas de todo perigo revolucionário. A transformação, nesses casos, não vem de baixo, como resultado de um impulso proletário, camponês, popular e plebeu, mas de cima, da mesma classe dominante. O objetivo da modernização feita de cima para baixo (a “modernização conservadora”) não é mudar radicalmente a sociedade para torná-la mais justa, senão manter e garantir a governabilidade do *statu quo* no período de tempo mais longo possível.

**Exemplos históricos de revoluções passivas:** as transformações sociais e políticas impulsionadas a partir do Estado por Bismarck, na Alemanha, e Luís Bonaparte, na França, durante a segunda metade do século 19.

As revoluções passivas correspondem às transformações sociais e econômicas onde se realiza uma modernização mantendo estritamente a ordem anterior, sem modificar as estruturas de dominação. As revoluções passivas são “revoluções dentro da ordem” vigente. Na América Latina, durante o último terço do século 19, as oligarquias burguesas e as burguesias agrárias aprofundaram a vinculação dos países latino-americanos ao mercado mundial, desenvolvendo as estradas de ferro, os portos e modernizando a urbanização, sem modificar a estrutura agrária atrasada e latifundiária.

Algo similar ocorreu entre 1930 e 1970, quando não mais as velhas oligarquias, mas as diversas experiências populistas das burguesias autóctones promoveram na América Latina, sem modificar a estrutura dependente de nossos países, transformações modernizantes (cidadania da classe trabalhadora, sindicalização massiva, incorporação pelo Estado das reivindicações operárias por maior salário, abonos, férias, contrato coletivo, etc.), destinadas a evitar quaisquer ameaças de revoluções radicais.

Para quem luta por transformações radicais e revolucionárias, é sempre mais complexo enfrentar esse tipo de processo modernizante promovido de cima para baixo, já que, muitas vezes, eles se apresentam portando bandeiras progressistas de “mudança” e discursos de “reforma social”. A complexidade aumenta, para o campo revolucionário, quando estas modernizações conservadoras se realizam sob formas parlamentaristas e republicanas.

### **Por que é tão difícil identificar nossos inimigos quando nos dominam através da república parlamentarista?**

Diferentemente do que ocorre nas ditaduras abertas ou das formas monárquicas, com a **república parlamentarista** os capitalistas estão mais tranquilos e calmos. Seguem mantendo seu poder sem discussão (o que confere conteúdo de classe ao Estado), mas neutralizam a insubordinação e

a indisciplina dos trabalhadores e toda oposição de fundo radical ao sistema, através de um complexo mecanismo de dominação anônimo, impessoal e burocrático.

Quando há crises, a imprensa burguesa publica um grande artigo de “denúncia”. Inicia-se a polêmica... tira-se a pressão da situação. Se o descontentamento cresce, troca-se um ministro. Se isso não acalma o povo, troca-se o governo, mas o poder do sistema permanece inalterado. Muda-se algo... para que nada mude.

***A república parlamentarista é a forma burguesa de dominação política mais flexível e eficaz.***

Quando a violência do Estado burguês, sua ameaça permanente, seu castigo, sua punição, sua vigilância e sua disciplina são consideradas legítimas pela população, essa violência cotidiana é vivida como... “paz”. A paz, então, não é mais do que o domínio estável da burguesia. A violência precisa, então, de consenso permanente. Não há violência pura, nem nas piores ditaduras. A violência sempre se apóia no consenso. Quanto mais estável é a dominação, mais consenso há.

Esta é a razão pela qual, em determinados períodos da história, o Estado burguês assume outros tipos de intervenção social como a gestão da escola, dos hospitais e, inclusive durante o capitalismo do pós-segunda guerra, a propriedade dos serviços fundamentais da economia. Em todos estes casos, a função de fundo que cumpre é a de garantir a reprodução do capitalismo em seu conjunto, prevenindo a crise que surgiria de um mercado sem controle estatal. Esse Estado que intervém na economia (doutrina promovida pelo economista inglês John Maynard Keynes) para deter a influência da Revolução Russa no Ocidente, não é um Estado socialista. Continua sendo um Estado burguês que busca ganhar consenso com finalidade capitalista.

Na construção do consenso, a ferramenta institucional mais próxima com que o Estado conta é a lei e o direito. Maquiavel associava-os à “raposa” em oposição ao “leão”, muito mais feroz, violento e selvagem. Marx define o direito como “*a vontade da classe dominante erigida como lei*”. Não a vontade de “todo o povo”, mas a vontade da classe dominante.

Porém, junto com a violência, os capitalistas também recorrem a mecanismos hegemônicos.

### **Que é a hegemonia?**

O conceito de “hegemonia” foi desenvolvido antes da teoria socialista e do nascimento do marxismo. Em suas origens, dizia respeito ao predomínio de um Estado-nação poderoso sobre outro mais frágil. O marxismo incorpora este conceito à sua filosofia da práxis conferindo um outro sentido. É aplicado na relação entre as classes sociais pertencentes a um mesmo Estado-nação.

***O conceito de HEGEMONIA é muito útil para explicar porque o capitalismo não desaba e nem cai sozinho.***

A crise latino-americana mostra claramente que o sistema capitalista não resolve os problemas materiais da maior parte da população. Entretanto, é ideologicamente hegemônico. Convince as pessoas que não existe outra forma de viver além desta que o sistema oferece. Uma vez que a maneira mais eficaz de exercer o poder é na forma do consenso, na sociedade capitalista existe um conjunto de instituições encarregadas de garantir a reprodução do sistema, vinculadas ao consenso. São instituições distintas daquelas encarregadas da violência sistemática (ou da ameaça). Estas instituições pertencem à sociedade civil.

A sociedade civil é o espaço de mediação entre o mercado econômico – âmbito das empresas capitalistas – e o Estado político – âmbito das Forças Armadas, da polícia, etc.

### **Que instituições fazem parte da sociedade civil?**

A escola, os sindicatos, as igrejas, os partidos políticos, as sociedades de desenvolvimento, a opinião pública e os meios de comunicação de massa fazem parte da chamada sociedade civil.

Nos inícios da modernidade capitalista, quando se constrói o Estado-nação, a principal via de construção da hegemonia é a escola. Nesta instituição se ensinam os valores mínimos de obediência à ordem estabelecida, aquilo que é “normal” e aquilo que não é, a reverência aos símbolos do poder, etc. Mas, hoje em dia, este lugar – que não desapareceu – é complementado por outro de alcance muito maior: os meios de comunicação de massa.

No espaço da sociedade civil, se constrói diariamente o consenso dos setores populares, em favor do capitalismo. Aí, a concepção de mundo burguesa é transformada em senso comum, graças à ideologia transmitida pelos meios de comunicação. Deste modo, os valores da cultura dominante são interiorizados e se constrói um sujeito domesticado e reacionário em relação a mudanças radicais. Quando não existe uma organização popular que disputa no terreno da sociedade civil com a ideologia burguesa, a propaganda dos poderosos penetra com facilidade na mente e no coração do povo. Mas, em contrapartida, quando existem poderosas organizações populares que disputam a hegemonia contra o poder, a dominação burguesa não é tão fácil nem “automática”. Tudo depende das relações de força entre a hegemonia burguesa e a contra-hegemonia socialista.

**A hegemonia é um processo de direção política de um setor social sobre outro. É exercida no plano político, mas também no cultural e ideológico. A hegemonia consiste na combinação da força e o consenso (não é somente consenso).**

A hegemonia burguesa combina a violência estatal e repressiva em relação aos trabalhadores rebeldes e revolucionários com a paciente construção do

consenso cotidiano das classes populares. A contra-hegemonia socialista dos trabalhadores se dá no esforço por dirigir política e culturalmente todas as classes populares e os intelectuais contra o capitalismo e na resistência à violência da repressão burguesa.

***A HEGEMONIA não é exercida somente na política, entre as classes sociais e os grandes partidos, mas também numa esfera menos visível: A VIDA COTIDIANA E A SUBJETIVIDADE.***

Através da vida cotidiana, se interiorizam os valores da cultura dominante e se constrói uma subjetividade domesticada. O capitalismo não resolve os problemas materiais da maior parte da população. Entretanto, é ideologicamente hegemônico. Convence as pessoas de que não existe outra forma de viver além desta que o sistema oferece.

**Hegemonia = consenso com os aliados  
+ violência com os inimigos**

Nas sociedades capitalistas modernas, a dominação (violência) e a direção cultural (consenso) não podem ser separadas. Sempre se articulam, de acordo com a conjuntura política e a relação de força entre as classes sociais. O capitalismo nunca vai desmoronar. Terá que ser derrotado. Para isto, é necessário ter uma estratégia política que sirva para confrontar e enfrentar a violência que vem de cima e também uma estratégia para construir uma hegemonia socialista a partir dos de baixo.

## **BIBLIOGRAFIA**

Antônio Gramsci. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

Carlos Nelson Coutinho. **Um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Ellen Meiksins Wood. **Democracia contra capitalismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Karl Marx e Friedrich Engels. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Ed. Cortez, 1998 (com prólogo de José Paulo Netto).

Karl Marx. **O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1977.

Karl Marx. **A guerra civil na França**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

Lênin, **O Estado e a Revolução**. São Paulo: Hucitec, 1980.

Louis Althusser. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

Néstor Kohan. **Filosofia de la práxis e teoria de la hegemonía**. Rosário: FPCAL, 2000.

Néstor Kohan-Miguel Rep. **Gramsci para principiantes** [en historietas]. Buenos Aires: Longseller, 2003.

Raymond Williams. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

## **(VIII) A luta política, a hegemonia e a consciência socialista**

Como o capitalismo não planeja e não é racional, a vida econômica está atravessada por múltiplas contradições. Quando essas contradições se cruzam numa determinada situação histórica, se abre um período de crise. Mas a crise, por si mesma, não conduz à catástrofe nem à derrubada. Por mais aguda que seja a crise, o capitalismo jamais cai por si só. Da mesma forma que a reprodução não é automática, sua interrupção e queda também não são. O capitalismo jamais cai por suas próprias contradições. Terá que ser derrotado.

***O socialismo é a superação histórica do capitalismo. Não é seu “aperfeiçoamento”, nem a melhoria parcial dos furos que o capitalismo não cobre e, muito menos, o remendo ou recauchutagem daquilo que “faz mal”.***

O socialismo nunca pode chegar por meio de uma evolução natural. Jamais vem sozinho. Na história não há piloto automático, mas, sim, luta de classes. Mas a luta contra o capitalismo e pelo socialismo não pode limitar-se a uma luta simplesmente econômica.

### **Que é a luta econômica?**

É a luta sindical, reivindicativa, pela garantia de emprego, melhores salários e melhores condições de trabalho. Também é a luta para ter um teto, por comida e por vestimenta. Em síntese: a luta econômica é uma luta por melhorias pontuais e palpáveis para a vida cotidiana da classe trabalhadora. Estas reformas são inúteis? Não. São fundamentais não só para a vida, mas para ir acumulando forças e adquirindo consciência. Não se pode prescindir delas, mas as reformas não são suficientes para mudar a raiz da sociedade e terminar com a exploração.

Existem distintos tipos de luta. Não é a mesma coisa a reação espontânea que podem ter alguns trabalhadores quando recebem o aviso de demissão, a Guerra Civil Espanhola da década de 1930 ou a atual guerra civil colombiana. Em todos estes casos há luta de classes. Mas são de níveis bem distintos.

### **Todas as lutas estão no mesmo plano?**

O nível mais simples de luta é a reação espontânea dos trabalhadores, realizada sem nenhuma preparação nem planejamento. Simplesmente se revoltam contra os patrões por alguma injustiça pontual. É uma primeira reação. Mas estas revoltas espontâneas, também chamadas de motim, não questionam o sistema capitalista em seu conjunto. Questionam um padrão individual por um acontecimento circunstancial. São o primeiro embrião da consciência de classe.

Um nível maior da luta é a luta sistemática, sindical e associativa por melhorias para todo um setor de trabalhadores (da construção, bancários, pequenos agricultores, etc.). Quando estes setores realizam uma manifestação ou uma greve, se produz um certo avanço na consciência. Aqui já existem níveis de planejamento. Existe uma semente de plano. Há um maior desenvolvimento da consciência de classe. Este nível é eminentemente “econômico”.

Os poderosos, através de seus meios de comunicação, tentam neutralizar ou paralisar todo processo coletivo de tomada de consciência. A tomada de consciência é a experiência que cada trabalhador individualmente e todos os trabalhadores juntos – como classe – vão construindo a partir de suas próprias lutas e suas próprias vivências.

***A consciência de classe se constrói todos os dias. Ninguém nasce com ela. A consciência, como o senso comum, é um campo de disputa.***

A militância revolucionária atua para que o povo eleve cada vez mais seu alvo e não se preocupe somente com seus problemas particulares, mas com todos os problemas da sociedade capitalista. Que a consciência de cada um seja a de toda a classe trabalhadora explorada. Os capitalistas e empresários, como não podem evitar que a classe trabalhadora construa sua própria consciência, tentam frear este processo num limite puramente econômico. Este é o limite do “permitido” e do “bem visto” pela ideologia do poder. Por isto, tentam convencer o povo de que:

- *uma greve é legítima somente se tem uma reivindicação pontual de um pequeno grupo.*
- *se uma greve vai além da reivindicação pontual e coloca exigências para o conjunto da classe trabalhadora... essa greve é “política” (ou seja: “coisa ruim”) e não pode ser justificada em nenhum caso.*
- *um sindicato urbano ou um movimento rural têm o direito de pedir melhorias desde que não questionem a propriedade privada das empresas e das terras.*
- *um dirigente sindical é “aceitável” e “racional” quando reduz sua atividade à sua organização e não se dedica a uma aliança com outras associações contra o capital.*
- *os trabalhadores têm direito de reclamar “para que o capitalismo seja justo e distribua melhor a riqueza”.*
- *os trabalhadores não têm direito de exigir a autogestão dos trabalhadores, nem o fim do capitalismo; tampouco que não apenas se “distribua melhor”, mas sim que “se produza de outra maneira, sem patrões, latifundiários e sem empresários.*
- *os trabalhadores e seus dirigentes sindicais não têm direito de intervir nos assuntos políticos que ultrapassem sua área específica.*

O segundo nível de consciência (aquele que supera o simples levante espontâneo) representa ainda um limite de ferro para a consciência da classe trabalhadora. Esse é o limite permitido pelo poder.

## **Que é o economicismo?**

A crença equivocada (induzida pelo poder) de que a única luta que deve ser feita contra o capitalismo é uma luta reivindicativa e somente pontual se chama economicismo. O economicismo, como doutrina teórica, resume a aspiração comum de todos(as) trabalhadores(as) de conseguir do Estado medidas para remediar as más condições de vida, mas não acabam com a situação, nem eliminam a submissão do trabalho pelo capital.

Mesmo com diferenças, nas experiências de trabalhadores, de país para país, de acordo com a época, existe um fenômeno que sempre se repete: o nível de consciência economicista tem um limite invariável e fixo. Chega até a colocar: (a) a necessidade de organização sindical; (b) a necessidade de lutar contra os patrões; e (c) a conveniência de exigir do governo esta ou aquela lei paliativa. Nunca vai além disso.

O economicismo não só responde a uma experiência concreta da luta dos trabalhadores de um determinado país, mas constitui uma ideologia geral (presente em todos os países com roupagem distinta) sustentada por determinadas correntes políticas. As principais características gerais da ideologia das correntes economicistas, em relação aos trabalhadores, são:

- a despreocupação total com a formação teórica (pressupondo que a discussão teórica e a formação política são exclusividade dos setores médios e universitários).
- a subestimação da luta ideológica (é uma afirmação de que *“o que vale é a luta concreta do dia-a-dia, a luta de idéias é coisa de intelectuais, não de trabalhadores”*).
- o culto da espontaneidade (acreditando que o movimento da classe trabalhadora não necessita de uma estratégia própria. Bastaria ir respondendo às ofensivas dos patrões).
- a falta de espírito de iniciativa nos dirigentes economicistas (reduzindo a classe trabalhadora à passividade política ou à política da recusa sem uma perspectiva própria a longo prazo).
- a redução da luta política a um horizonte estritamente econômico-corporativo (quem trabalha deve preocupar-se com seu contexto próximo e não deve meter-se em problemas que ultrapassam as necessidades do dia-a-dia).
- o desconhecimento da continuidade histórica da luta de classes e do pensamento revolucionário (supondo que toda luta começa do zero. Despreza-se e subestima-se o conhecimento de toda história anterior: ninguém lutou antes que nós. Não há nada para aprender com revoluções anteriores).
- a recusa a toda política de unificação da luta (priorizando sempre, em nome da “democracia e horizontalidade”, a dispersão e fragmentação do movimento).
- os métodos artesanais e improvisados de trabalho político (recusando qualquer tipo de plano estratégico e planejado dos conflitos, dos desafios e do trabalho a realizar. *Vai se fazendo pelo caminho* é a palavra de ordem principal).



- alvos estritamente locais e regionais (impedindo um conhecimento da situação global e o impulso geral do movimento revolucionário, para além da experiência recortada e limitada que cada um vive).
- o reformismo, consistindo na reivindicação por paliativos (sem apontar para a modificação da totalidade do sistema).
- a carência de uma estratégia positiva própria que distribua, no tempo e no espaço, os enfrentamentos políticos entre trabalhadores e a classe dominante (indo a reboque e sempre respondendo na forma de recusa à iniciativa do poder).
- a limitação da consciência da classe trabalhadora às simples verdades do senso comum (impedindo cada trabalhador de uma reflexão crítica sobre a ideologia burguesa, tornando consciente sua recusa da concepção de mundo das classes dominantes).

### **Por que o economicismo tem relativo êxito e grande difusão?**

Em primeiro lugar, porque esta ideologia sempre se afirma em resultados palpáveis e ao alcance da mão. Não modifica o contexto, mas se adapta a ele. Mas esta não é a principal razão. O economicismo tem tanta presença na consciência social porque quando as lutas da classe trabalhadora se desenvolvem espontaneamente – sem uma estratégia política e uma filosofia próprias – a concepção de mundo dos empresários se impõe rapidamente na disputa. Esta concepção de mundo burguesa é sempre vitoriosa – exceto quando se opõe a ela uma contra-hegemonia socialista – porque:

- a) é uma ideologia mais antiga que o socialismo;
- b) conta com meios de divulgação incomparavelmente mais poderosos que os meios alternativos.

Se o nível mais simples da consciência é o motim espontâneo e o nível seguinte é o da ideologia economicista, o nível mais alto da consciência trabalhadora é a consciência socialista e a política revolucionária.

### **Como se constrói a consciência socialista?**

Jamais se chega a este nível de modo automático ou repentino. A política revolucionária e a consciência socialista de massas são o produto de um longo desenvolvimento de experiências históricas concretas, de ensaios, aprendizagens e erros, de avaliações e discussões ideológicas, acompanhadas da formação política e teórica. Lênin, principal dirigente da primeira revolução socialista triunfante na história, resumiu sua polêmica com a ideologia economicista afirmando que: “*Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário*”. Afirmou, também, que a luta de classes jamais se reduz ao âmbito econômico.

Na história, existem três formas de luta: econômica-prática, política e teórica. Ir além do economicismo traz como exigência construir e alcançar um nível mais alto de consciência de classe: a consciência socialista e revolucionária, consciência do antagonismo irreduzível entre a classe

trabalhadora e os capitalistas. A criação de uma consciência revolucionária socialista pressupõe uma luta, a longo prazo, para:

- a construção de organizações políticas classistas, autônomas, independentes e próprias da classe trabalhadora (mantendo a continuidade entre os momentos de alta da luta de classes e os momentos de refluxo e retrocesso popular). Estas organizações sociais têm que exercer o papel de vanguarda.

**(“Vanguarda” não significa estar só, isolado e separado do povo; significa o processo no qual as organizações populares e os movimentos sociais tomam a iniciativa na luta de massas, estreitamente ligados ao povo e ao conjunto dos trabalhadores.)**

- a superação de todo limite exclusivamente sindical e economicista das reivindicações populares.
- a criação de um sujeito social e político coletivo consciente de seu lugar na história e de seu antagonismo irreduzível com o capital.
- o desenvolvimento de uma luta contra-hegemônica de longo alcance pela conquista do coração e a mente de nosso povo, de trabalhadores da cidade e do campo e da juventude.
- a criação de instituições contra-hegemônicas (como jornais socialistas, rádios comunitárias, redes de informação alternativa, canais de televisão alternativos, editoras, etc.).
- Em resumo - A unidade indestrutível de uma estratégia política que combine a independência política de classe com a luta pela hegemonia socialista.

Este imenso desafio só pode se concretizar conhecendo as experiências revolucionárias anteriores, positivas e negativas, triunfantes e derrotadas, levadas em frente pela classe explorada, ao longo da história, e, nas quais, milhares e milhares de companheiros e companheiras dedicaram suas vidas.

## **BIBLIOGRAFIA**

Antônio Gramsci. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Tradução e orelha de Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968 (8a. ed., 1987).

Lênin. *Que Fazer?* São Paulo: Hucitec, 1978.

Textos de Che Guevara: [www.comunismo.com.br/textos.html](http://www.comunismo.com.br/textos.html)

## **(IX) A resistência, a dialética do progresso e o conflito social na história**

Quando a ideologia do poder quer nos convencer da suposta “eternidade” da desigualdade social, necessariamente precisa ocultar um dado importantíssimo: a desigualdade tem sido rechaçada de mil maneiras e de forma veemente pela classe oprimida, ao longo da história. Considerando esta recusa, Marx e Engels afirmam no *Manifesto Comunista* que: “A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias é a história da luta de classes”. Esta luta tem, no mínimo, 5.000 anos de história comprovada.

Algumas das rebeliões e revoluções que marcaram a fogo nossa história são:

- os levantamentos e protestos dos camponeses, no Egito dos faraós;
- as insurreições de escravos, na Grécia e Roma (a mais famosa foi a liderada por Espartaco, no primeiro século depois de Cristo);
- as rebeliões camponesas, na Índia e principalmente na China clássica (algumas triunfaram, dando origem a novas dinastias imperiais);
- as revoltas camponesas, no Japão (entre 1603 e 1863, quando ocorreram mais de 1.100 levantes);
- as revoltas camponesas, na Rússia czarista (o levante mais conhecido é o de Pougatchev, na Ucrânia, no século 17);
- as revoltas camponesas (conhecidas como *jacqueries*) e as rebeliões de artesãos e aprendizes (entre os séculos 13 e 15), na Europa ocidental;
- as revoluções burguesas européias (desde as lideradas pelas primeiras cidades italianas, no século 16, a holandesa e a inglesa no século 17, até a francesa – a mais conhecida de todas – em 1789);
- a independência estadunidense, em 1776;
- a rebelião dos escravos negros na América do Norte no século 19 (principalmente a liderada por Nat Turner em 1831);
- as revoluções de 1848 e 1870 na França (esta última, conhecida como a Comuna de Paris, foi a primeira na história mundial em que a classe trabalhadora tomou o poder – sendo depois derrotada);
- as revoluções russas de 1905 e 1917 (em 1917, aconteceram duas revoluções: a de fevereiro e a de outubro. Nesta última, os bolcheviques tomaram o poder e foi a primeira revolução socialista vitoriosa na história mundial);
- as insurreições na Itália, Hungria e Alemanha, ocorridas logo depois da revolução russa (as três foram derrotadas);
- a revolução e a guerra civil espanhola, na década de 1930 (derrotada pelo franquismo);
- a revolução vietnamita e a guerra do Vietnã (desde a proclamação da independência, em 1945, até a derrota estadunidense, em 1975. Durante estes 30 anos, os revolucionários vietnamitas derrotaram os japoneses, franceses e estadunidenses);
- a revolução chinesa (vitoriosa, em 1949);
- a revolução da Argélia (vitoriosa, em 1962);
- a rebelião europeia de 1968 (que, além de Paris, Berlim, Trento e outras cidades europeias, alcançou também Berkeley, nos EUA, Tóquio, no Japão, e a capital do México);

- o levante tchecoslovaco, de 1968 (derrotado pela invasão soviética nesse ano);
- a luta rebelde e por independência nacional da Irlanda do Norte (contra a Inglaterra) e do país Basco (contra a Espanha), lutas que continuam, até hoje;
- a revolução dos cravos de Portugal, em 1974;
- a luta por independência nacional de várias ex-colônias africanas, destruídas, em muitos casos, pela mais violenta repressão (como o caso de Patricio Lumumba, no Congo), triunfantes em outros como Namíbia, África do Sul, etc.

Na América Latina, esta longa história de levantes, revoltas, rebeliões e revoluções populares inclui:

- as rebeliões dos povos indígenas, na América do Sul, durante a colônia espanhola (exemplos – a liderada, em 1780, por José Gabriel Condocanqui, conhecido como Túpac Amaru, assassinado pelos colonizadores; no Brasil, a dos Sete Povos das Missões liderada por Sepé Tiaraju);
- a insurreição vitoriosa dos escravos – os “jacobinos negros”- no Haiti no final do século 18;
- a revolução continental da independência nas primeiras décadas do século 19, liderada por José San Martín e Simón Bolívar;
- a independência de Cuba e a guerra com a Espanha (com intervenção dos Estados Unidos, em 1898);
- a revolução mexicana liderada por Pancho Villa e Emílio Zapata (1910);
- a rebelião anarquista, no sul da Argentina (entre 1920 e 1921);
- o levante e resistência de Sandino, na Nicarágua (de 1926 a 1933);
- a insurreição de El Salvador, liderada por Farabundo Martí (1932);
- a revolução cubana de 1933, com a liderança de Antônio Guiteras;
- a “coluna” liderada por Luís Carlos Prestes no Brasil (1935);
- a revolução boliviana (1952);
- a revolução cubana vitoriosa (1959);
- as revoluções brasileira, argentina, uruguaia, boliviana, peruana e outros países da América do Sul, nas décadas de 60 e 70 (derrotadas);
- a revolução colombiana (processo que se inicia antes da revolução cubana e segue até os dias de hoje);
- a vitória eleitoral de Salvador Allende no Chile em 1970 (derrubado por Pinochet no golpe militar em 1973);
- a revolução sandinista (vitoriosa na Nicarágua em 1979 e derrotada eleitoralmente em 1990, depois de um período de intervenções norte-americanas);
- a revolução salvadorenha, um empate que levou a um pacto.
- a revolução Guatemalteca, que chegou a um pacto sem força.
- o levante zapatista, em Chiapas (1994).

(Relembrar revoltas brasileiras, por exemplo, a Cabanagem, o Contestado... e outras na América Latina: Venezuela – *bogotazzo* , no Equador - lutas indígenas, etc.).

Esta longa série de resistências, protestos, rebeliões, levantes e revoluções populares puseram no primeiro plano a tremenda injustiça da sociedade de classes, baseada na exploração do ser humano pelo ser humano. Muitas destas resistências foram perdedoras, faliram e foram derrotadas de forma sangrenta e sanguinária. Dos tempos antigos... até nossos dias.

As classes dominantes na América Latina, por exemplo, através de suas Forças Armadas e com a ajuda política, treinamento militar, assessoria de inteligência, financiamento econômico e apoio de armas dos Estados Unidos, realizam a sangue e fogo um autêntico genocídio que custou a vida de milhares de latino-americanos. A tortura (ensinada aos militares latino-americanos por assessores ianques e franceses) foi moeda corrente em nosso continente durante décadas.

### **A derrota dos processos revolucionários significa que não tenham sido válidos? Por acaso a justeza dessas revoluções e levantes deve ser medida por seu “êxito”?**

Nada mais errado e pernicioso, do ponto de vista da classe trabalhadora, do que analisar a história a partir do critério do “êxito”. Esse critério corresponde ao ponto de vista burguês, o ponto de vista dos exploradores e da filosofia que se denomina pragmatismo. (A filosofia do pragmatismo é completamente relativista: mede a verdade ou falsidade, a justiça ou a injustiça segundo critérios de utilidade e êxito).

Desta maneira, se olha a história “desde cima” e não do ponto de vista das classes exploradas e subalternas, não dos povos oprimidos. Se fosse assim, todas as rebeliões e levantes derrotados não teriam sentido e teriam sido em vão. O “progresso” da humanidade estaria exclusivamente do lado dos vencedores que, de fato, ao longo da sociedade de classes foram, na maior parte das vezes, as classes exploradoras. Com este olhar não confiável... as classes dominantes seriam as portadoras do progresso!

Por exemplo: uma vez que os povos indígenas perderam todos os seus conflitos com os conquistadores e saqueadores europeus, a vitória destes teria que ser vista como inevitável e necessária. Não só isso... teria sido melhor do que a vitória dos povos indígenas da América. O mesmo exemplo poderia ser multiplicado: os brancos seriam portadores do progresso com a escravidão dos negros; os nazistas e suas matanças planejadas seriam portadores de progresso sobre os judeus e ciganos, e assim por diante... Desta forma, o que aconteceu na história, acaba se transformando no que “era necessário que acontecesse” o que acaba justificando e legitimando todo o passado, por mais monstruoso e perverso que tenha sido.

### **O marxismo é “progressista”?**

**Este olhar superficial da história, ingenuamente progressista, que entende o progresso de forma linear, evolutivo, ascendente e sempre do lado dos poderosos, não tem nenhuma relação com o marxismo.**

Mesmo que esteja marcado pelo pragmatismo, corresponde, na realidade, a uma filosofia burguesa européia: o positivismo. (Para o positivismo - cujo lema é ordem e progresso - este último sempre vai do pior para o melhor, numa linha ascendente, contínua e evolutiva. O positivismo não serve para compreender as contradições históricas nem os avanços e retrocessos na luta de classes).

### **De que ângulo miramos a história?**

Para o marxismo, ao contrário, o progresso na história é contraditório. Tem avanços e retrocessos. Além disso, não pode ser avaliado de forma independente do que sucede com os setores oprimidos. Seu ponto de vista não é o ponto de vista dos opressores, mas da classe explorada, massacrada e oprimida. O marxismo é um olhar da história “a partir dos de baixo”. Deste ponto de vista, a revolução socialista contra o capitalismo retomará a herança de todas as revoluções e levantes populares do passado, tenham sido triunfantes ou derrotadas, tenham tido êxito ou tenham sido frustradas. Na história, a razão e o progresso estão do lado dos explorados. A eles pertence o futuro.

*“A única luta que se perde é a luta que se abandona”*

### **BIBLIOGRAFIA**

AMAYO, E. e SEGATTO, J. A. (orgs.). **J. C. Mariátegui e o marxismo na América Latina**. Araraquara: ed. UNESP, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 331p.

Ernesto Che Guevara. “Táctica y estrategia de la revolución latinoamericana”. En **Obras**. La Habana: Casa de las Américas, 1970.

Fernando Mires. **La rebelión permanente. Las revoluciones sociales en América Latina**. México: Siglo XXI, 1988.

José Carlos Mariátegui. **As correntes de hoje: o indigenismo – sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

Michael Löwy. **O Marxismo na América Latina**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 1999.

Michael Löwy. **A dialética do progresso**. In: *Marxismo, modernidade, utopia*. São Paulo: Xamã, 2000.

Néstor Kohan. **Marx en su (Tercer) mundo**. Buenos Aires: Biblos, 1998.

## **(X) O projeto socialista e seus valores**

A luta dos trabalhadores não se limita a uma resistência negativa contra a ordem existente. A negação do que existe – central, no método dialético – se faz acompanhar de um projeto de futuro. A luta socialista não implica somente numa recusa da atual “nova ordem mundial”, mas também pressupõe uma luta para recuperar o que nos foi expropriado ao longo da história.

É bom lembrar que o capitalismo nasce historicamente da acumulação originária do capital, cujo núcleo consiste em uma violenta expropriação dos camponeses europeus e todos os povos do Terceiro Mundo (graças à conquista e à colonização). Por isso, Marx termina seu famoso livro *O Capital* com um alerta político: *“Os expropriadores são expropriados [...] Lá, se tratava de uma expropriação da massa do povo por uns poucos usurpadores; aqui, se trata da expropriação de uns poucos pela massa do povo”*.

Para poder concretizar este programa histórico, é preciso superar o estreito limite que a mesquinha e estreita ideologia do economicismo impõe aos trabalhadores e aos povos de todo o mundo. Tem que ir além da luta meramente sindical, associativa ou reivindicativa. Tem que superar o ponto de vista da fragmentação que limita as lutas contra a mundialização capitalista a lutas segmentadas, separadas e isoladas.

Até agora, tivemos lutas fragmentadas: pela terra, pelo emprego, por salário, contra a exploração, pela educação, pela saúde, por habitação digna, pelo meio ambiente, contra a discriminação sexual, pela autonomia estudantil, contra a discriminação religiosa, contra a discriminação racial, contra o patriarcalismo, contra a burocracia sindical, contra a repressão policial, contra a guerra, contra a vigilância permanente das pessoas. Sem abandonar a luta por reformas pontuais, em cada um destes espaços, temos que ter presente que, se não conseguirmos articular estas lutas entre si, jamais poderemos enfrentar eficazmente a hegemonia burguesa.

A dominação cultural do capitalismo se baseia precisamente na unidade e centralização global de sua dominação e na fragmentação dos protestos e resistências. É necessário globalizar também as resistências, uni-las e articulá-las, sem perder a especificidade de cada luta. Pretender lutar unicamente por cada uma destas demandas (conseguindo reformas pontuais), sem apontar contra o sistema capitalista como totalidade, levará a novas frustrações. É preciso ter presente a advertência que Che Guevara deixou, em sua última mensagem aos povos do mundo, seu testamento político: *“Ou revolução socialista ou uma caricatura de revolução”*.

### **Nosso projeto é meramente econômico?**

O projeto político da revolução socialista não se limita, então, em recuperar o que foi arrancado a sangue e fogo das mãos do povo. O socialismo não é um projeto exclusivamente econômico. Inclui o econômico como um de seus pressupostos, mas vai muito mais além. O mesmo Che Guevara dizia: “O

*socialismo econômico sem a moral comunista não me interessa. Lutamos contra a miséria, mas lutamos ao mesmo tempo contra a alienação”. No mesmo sentido, a revolucionária Rosa Luxemburgo afirmava que “O socialismo não é um problema de garfo e faca. É um movimento de cultura, uma grande e poderosa concepção de mundo”.*

Por isso, o socialismo, como concepção de mundo, articulado a partir de sua filosofia da práxis, pressupõe uma ética e um conjunto de valores humanos totalmente alheios à ética do DEVER e do TER e da redução do ser humano à mercadoria.

### **Que relação existe entre a ética e a política? É possível se posicionar à esquerda na política e à direita na moral?**

Toda a dominação burguesa se baseia no divórcio absoluto entre a ética e a política. Por um lado, está o que dizem os políticos burgueses, os juizes, os empresários, os militares e, por outro, está o que fazem. Cada eleição repete a cerimônia. Promete-se tudo, não se cumpre nada. O que se diz, não se faz; o que se faz não se diz. A ética socialista, cuja máxima expressão foi encarnada no século 20 por Che Guevara, se articula a partir de uma unidade inseparável do dizer e do fazer, do público e do privado, do sujeito e do objeto, da ética e da política.

### **Pode haver uma cabeça de esquerda e um corpo de direita?**

Não se pode lutar por uma nova sociedade se não se luta ao mesmo tempo pela construção do homem novo e da mulher nova. Não haverá revolução socialista se não conseguirmos desalojar o egoísmo, a mesquinhez, o cálculo miserável, o patriarcalismo, o racismo e o individualismo de nossa vida cotidiana. Não se pode estar à esquerda, na política, e estar à direita, na moral. Nossos princípios não são “instrumentalistas”, não nos utilizamos deles como um simples instrumento (que se usa ou não de acordo com a necessidade). São parte fundamental da ética revolucionária.

**Não se pode ter uma mensagem revolucionária e socialista na vida pública, tendo uma atuação conservadora e burguesa na vida privada. Não se pode ter a cabeça e o discurso na esquerda, enquanto o coração e o corpo estão na direita.**

O projeto da revolução socialista, se não quiser ser uma caricatura – como dizia Che Guevara – deverá realizar na vida concreta e cotidiana os grandes ideais não cumpridos pelas revoluções burguesas: liberdade, igualdade e fraternidade. Porém, não para a burguesia e os exploradores, mas para todo o povo. Não para explorar – em nome da “liberdade” – mas para viver em uma comunidade onde realmente desapareça a “*exploração do homem pelo homem*” e o poder real (não só o governo) esteja nas mãos do povo.

Se decidirmos colocar todos os nossos esforços e nosso grão de areia, por menor que pareça, em função desse projeto revolucionário, nenhuma luta do passado, nenhum sacrifício (derrotado ou vitorioso) terá sido em vão. A



memória dos milhares e milhares de companheiros(as) desaparecidos(as), torturados e assassinados seguirá vivo na medida em que nós decidimos que não morram.

## **BIBLIOGRAFIA**

Adolfo Gilly. *Paisaje después de una derrota*. En América Libre n° 3, 1993. pp. 11-18.

Adolfo Sánchez Vázquez. *Ética*. México: Grijalbo, 1980.

Ernesto Che Guevara. *El socialismo y el hombre en Cuba*. Ediciones varias.

Frei Betto y Michael Löwy. *Valores de uma nova civilização*. Texto apresentado na conferência «Princípios e valores da nova sociedade» do FSM 2002.

Materiais da Cátedra Livre Ernesto Che Guevara da Universidad Popular Madres de Plaza de Mayo.

Materiais do CEPIS - **Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae** - do Brasil.